

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO  
CURSO DE JORNALISMO

LUIZ FELIPE MEDEIROS

**AS FONTES DO JORNALISMO E A UTILIZAÇÃO DE LINKS DURANTE A  
PANDEMIA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO.**

PORTO ALEGRE

2021

LUIZ FELIPE MEDEIROS

**AS FONTES DO JORNALISMO E A UTILIZAÇÃO DE LINKS DURANTE A  
PANDEMIA: UMA ANÁLISE DA COBERTURA DA FOLHA DE S. PAULO.**

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado à Faculdade de  
Biblioteconomia e Comunicação da  
Universidade Federal do Rio Grande do  
Sul como requisito parcial à obtenção do  
grau de Bacharel em Jornalismo.  
Orientador: Prof. Dr. Basílio Sartor.

PORTO ALEGRE

2021

## AGRADECIMENTOS

Nunca entendi porque as pessoas agradecem a outras em certas solenidades. Se isso fosse um prêmio de Oscar, eu agradeceria a milhares de pessoas, inclusive à minha família, por ter sempre me apoiado em tudo. Porém, por tratar-se somente de um trabalho de conclusão de curso, prefiro me restringir às pessoas relacionadas com ele de alguma forma.

Antes de tudo, cabe destacar que este trabalho sobreviveu à pandemia. E se você está lendo este trabalho, você também sobreviveu à pandemia. Portanto, parabéns a este trabalho e a você.

Segundamente (acabo de descobrir que esta palavra existe – um advérbio muito útil, aliás), gostaria de agradecer à minha namorada Sofia por ter me sugerido pesquisar sobre transparência e sobre o uso de links no jornalismo web, em um momento onde eu praticamente não tinha mais esperanças em encontrar um tema para meu TCC. Devo agradecer também à Marília Gehrke, por ter me apresentado referências para esta pesquisa, me encorajado e por ter sempre estado disponível nos momentos em que a contatei para sanar dúvidas. Muito querida você. Agradeço a meu orientador, Basílio, por ter me apontado caminhos e por ter empreendido esforços para que esse trabalho se tornasse possível. Também, por ter me ensinado a escrever notícias, a pirâmide invertida e outros conhecimentos úteis para um jornalista. Obrigado, Basílio. Não posso deixar de mencionar o professor Trasel – primeiramente, porque ele faz parte da banca que irá me avaliar. Segundamente - e agora é sério - porque ele, sendo um cara com um rico e vasto trabalho na área de ciberjornalismo (não foi aleatoriamente que o convidei para avaliar este trabalho) foi um dos professores que abordaram temas mais atuais durante minha graduação.

Durante esses quatro anos de faculdade, nunca cheguei a me tornar muito próximo dos colegas. Não cheguei a fazer parte (ou me sentir parte) de um grupo, como a maioria dos graduandos. Talvez por estar em um momento de vida diferente, ou talvez por inseguranças próprias. Apesar disso, posso dizer que tive sim algumas interações marcantes. Interações que foram significativas para mim e que me agregaram como pessoa. Em um momento de reflexão, concluo que sentirei saudades desta época.

Agradeço à UFRGS e à sociedade, que a financia, por ter me propiciado uma graduação – uma rica e linda experiência. A propósito, agora entendo porque as pessoas agradecem. Porque somos humanos e nos emocionamos. Porque é o fim de uma etapa.

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar “como a Folha de S. Paulo se vale de links para apresentar suas fontes de informação em notícias sobre a Covid-19?”. Partimos de uma discussão teórica sobre a credibilidade e a transparência no jornalismo, para então adentrar em conceitos relacionados ao jornalismo científico, discutindo sobre suas principais fontes. Depois, fizemos uma Análise de Conteúdo de 45 notícias sobre a pandemia, publicadas pelo veículo – em formato digital - durante os meses de setembro e outubro de 2020. Os resultados são os seguintes: o tema mais frequente das notícias é a vacina; o segundo mais frequente é “características do Coronavírus e da Covid-19”; o terceiro mais frequente são aspectos epidemiológicos da pandemia; depois, notícias sobre “tratamento e prevenção”. Os três tipos mais frequentes de fontes são, nesta ordem, “publicações científicas e validadas”, “especialistas” e “empresas, ONGS e outros grupos de interesse” Com relação ao uso de hiperlink, 51% das notícias analisadas não apresentam link externo para corroboração da informação contida na manchete, ao passo que 49% das notícias apresentam. Foram encontradas um total de 20 informações acessórias nas notícias (informações científicas, porém não apresentadas na manchete); desse total, 65% delas não apresentavam link externo para corroboração, ao passo que 35% delas apresentavam algum link externo para corroboração.

**Palavras-chave:** fontes jornalísticas, Covid-19, jornalismo, hiperlink, transparência.

## ABSTRACT

This essay seeks to analyse how the news organization a Folha de S. Paulo uses and shows its news sources in the journalistic coverage of the Covid-19 pandemic, and how this event is portrayed by the newspaper, considering the need for transparency in journalism and for qualified information production. We begin with a theoretical discussion about credibility and transparency in journalism, and then approach concepts related to scientific journalism, discussing its main sources. Then, we carried out a Content Analysis of 45 news articles about the pandemic, published by a Folha de S. Paulo during the months of September and October 2020. The findings are: the following: the most frequent theme is “vaccine”; the second most frequent is “characteristics of Coronavirus and Covid-19; the third most frequent is “epidemiological aspects of the pandemic”; then, news about “treatment and prevention”. The three most frequent sources are, in the following order, “validated scientific publications”, “specialists”, and “companies, “NGOs and othe interest groups”. In relation to hyperlink usage, 51% of the analysed news articles didn’t present external link for supporting the information in the headline, whereas 49% of the news articles did provide external link. It was found a total of 20 accessory pieces of information, from which 65% didn’t present any external link for support, whereas 35% did present external link for support.

**Keywords:** news sources, Covid-19, journalism, hyperlink, transparency.

<b>SUMÁRIO.....</b>	<b>6</b>
<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>7</b>
<b>2 CREDIBILIDADE E TRANSPARÊNCIA NO JORNALISMO.....</b>	<b>12</b>
2.1 CONFIANÇA NO JORNALISMO E O SURGIMENTO DE NOVAS VOZES.....	12
2.2 TRANSPARÊNCIA.....	18
<b>3 O JORNALISMO CIENTÍFICO E SUAS FONTES.....</b>	<b>21</b>
3.1 AFINAL, O QUE É JORNALISMO CIENTÍFICO?.....	21
3.2 AS FONTES DO JORNALISMO CIENTÍFICO.....	23
3.3 NEGACIONISMO.....	26
3.4 JORNALISMO E DESINFORMAÇÃO NA PANDEMIA.....	30
<b>4 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS: TEMAS MAIS FREQUENTES, FONTES E USO DE LINK EXTERNO.....</b>	<b>34</b>
4.1 – METODOLOGIA E A SELEÇÃO DAS NOTÍCIAS.....	34
4.2 – TEMAS DAS NOTÍCIAS.....	36
4.3 – FONTES MAIS UTILIZADAS.....	45
4.4 – UTILIZAÇÃO DE LINKS EXTERNOS.....	47
<b>5 CONCLUSÃO .....</b>	<b>51</b>
<b>6 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

# 1 INTRODUÇÃO

Com o advento das redes sociais e a difusão de um amplo acesso a diversas formas de conteúdo em plataformas online na última década, o jornalismo deixou de ser a única referência para obtenção de informação. De acordo com o site Statista.com<sup>1</sup>, 49% dos brasileiros não confiam nas mídias tradicionais jornalísticas. Uma pesquisa da DATAFOLHA<sup>2</sup> de 2020 aponta que 61% dos Brasileiros confiam em programas jornalísticos de TV e 56% em jornais impressos, mas que somente metade deles confia em sites de notícias.

Um dos fatores determinantes para isso é possivelmente o surgimento e a evolução de “notícias falsas”<sup>3</sup>, as quais possuem um alcance enorme em todas camadas da população. Esse fenômeno, embora muito mais presente em meios de comunicação não convencionais (como em sites que fabricam notícias falsas ou qualquer plataforma sem o prestígio da grande mídia tradicional), termina por impactar a crença da população no que representa o formato de notícia online como um todo.

Em 2017, o Facebook publicou uma dissertação feita por três membros de sua Equipe de Segurança, intitulada “Operações de Informação e o Facebook”<sup>45</sup>, que discorre sobre as ações realizadas pela plataforma para prevenir a difusão de notícias falsas e também sobre a difusão de conteúdo enganoso pelo próprio Estado, prática definida pela plataforma como “operações de informação”:

Ações realizadas por agentes organizados (do governo ou não) para distorcer crenças políticas internas ou com relação ao exterior, geralmente para atingir algum objetivo estratégico ou geopolítico (WEEDON; NULAND; STAMOS, 2017, p. 5).

---

<sup>1</sup> Pesquisa do site Statista: <https://www.statista.com/statistics/308468/importance-brand-journalist-creating-trust-news/> (acesso em 13 de novembro de 2020).

<sup>2</sup> Fonte da pesquisa do Datafolha: [https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/03/24/interna\\_nacional,1132011/datafolha-populacao-confia-em-tv-e-jornais-impressos-para-se-informar.shtml](https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2020/03/24/interna_nacional,1132011/datafolha-populacao-confia-em-tv-e-jornais-impressos-para-se-informar.shtml) (acesso em 14 de novembro de 2020)

<sup>3</sup> Definição do Oxford's learner's Dictionary: falsas informações sobre eventos, escritas e lidas em websites.

<sup>4</sup> Traduzido do termo em original em Inglês “Information Operations and Facebook”.

<sup>5</sup> Pode ser acessado em: [https://i2.res.24o.it/pdf2010/Editrice/ILSOLE24ORE/ILSOLE24ORE/Online/Oggetti\\_Embedded/Documenti/2017/04/28/facebook-and-information-operations-v1.pdf](https://i2.res.24o.it/pdf2010/Editrice/ILSOLE24ORE/ILSOLE24ORE/Online/Oggetti_Embedded/Documenti/2017/04/28/facebook-and-information-operations-v1.pdf) (acesso em 14 de novembro de 2020)

De fato, com a democratização dos meios de comunicação, surge uma capacidade e alcance maior de expressão e difusão de conteúdo que vai além do jornalismo e que não tem precedentes. Fruto da evolução e do barateamento das tecnologias, do crescimento exponencial das redes sociais, e das plataformas de conteúdo - o fato é que muitas pessoas, grupos, empresas, instituições, projetos e outras inúmeras partes da sociedade que até então não conseguiam disseminar informações ou opiniões para além de um pequeno número de pessoas próximas, hoje podem falar e serem escutadas por um público muito maior. O resultado disso é não somente uma interação e troca de informações cujo volume não tem precedentes, mas também a existência de mais “vozes” para além do jornalismo.

Tais vozes, representadas por canais de Youtube, Podcasts em diversas plataformas, conteúdo audiovisual, conteúdo em streaming, cursos online, websites, blogs, até mesmo influenciadores em redes sociais resultam no fato de que o Jornalismo vê reduzido seu privilégio de uma quase exclusividade, exercida sob o posto de quem “falava sozinho”. Embora sempre tenham existido outras fontes de informação, a televisão e o jornal impresso despontavam como os meios de comunicação mais procurados para acesso a notícias e ao que acontece no mundo.

Como em muitas transformações da sociedade, há lados positivos e também problemas. Se por um lado, o próprio termo “democratização” sugere uma benesse social, representada por uma maior troca e disseminação de informação, conhecimento, conteúdo e até mesmo entretenimento - por outro, surgem também questões como a disseminação de ódio, a falta de regularização e a desinformação, um tema que é extremamente relevante no âmbito do jornalismo.

Fatos sempre tidos como verdades inquestionáveis - como o fato de que a Terra é redonda - começam a ser questionados por correntes sem embasamento científico nenhum e ainda sim seguidas por muitas pessoas. A politização ou simplesmente a vontade de espalhar o caos ou abalar o “sistema” pode até mesmo às vezes buscar desacreditar as bases da ciência. A ameaça da desinformação é tão relevante que chega ao ponto de obter certo sucesso ao questionar o que é provavelmente o mais sólido e reconhecido campo da sociedade: a ciência.

Diante desse contexto, é mais essencial do que nunca para quem dissemina e orienta a população com informações de utilidade pública, justificar e legitimar suas orientações com embasamento. Não somente por uma questão ética, mas por uma questão de manutenção de credibilidade do jornalismo como instituição social. Em outras palavras, é de suma importância que a informação jornalística advenha de fontes confiáveis e que essas fontes sejam apresentadas com transparência. Neste ponto, cabe uma discussão interessante: o Código de Ética dos Jornalistas Brasileiros dispõe em seu oitavo artigo: “sempre que considerar correto e necessário, o jornalista resguardará a origem e a identidade de suas fontes de informação.” Ou seja, se por um lado, o jornalista tem a liberdade para resguardar a identidade de suas fontes, cabe também ao jornalista o julgamento de mérito para optar ou não por exercer essa discricção. Há diversos tipos de informação, alguns os quais ensejam uma maior reserva com relação à divulgação da fonte; outros que trazem uma maior necessidade de transparência.

É neste contexto que, no ano de 2020, o jornalismo viu-se diante do desafio de realizar a cobertura de um mega acontecimento, com impactos sanitários, sociais, políticos e econômicos em todo mundo: a pandemia provocada pelo novo Coronavírus.

O primeiro caso da pandemia pelo novo Coronavírus, SARS-CoV2, foi identificado na China, na cidade de Wuhan, em 31 de dezembro de 2019. A partir de então, os casos se espalharam de maneira exponencial, de modo que em alguns meses o vírus já circulava por praticamente o mundo inteiro. Em março de 2020, a Organização Mundial da Saúde definiu o surto da Covid-19 como sendo uma pandemia<sup>6</sup>. No mesmo mês, houve a primeira de muitas mortes pela doença no Brasil. De acordo com o Centro Europeu de Controle e Prevenção de Doenças<sup>7</sup>, de 31 de dezembro de 2019 até meados de junho de 2020, foram reportados um total de 8,142,129 casos da Covid-19 e 443.488 mortes. No início de setembro de 2020, as mortes diárias por Covid-19 no Brasil ultrapassavam o número de mil<sup>8</sup>.

Inúmeras informações, por vezes contraditórias, circulavam sobre o que era o maior tópico na internet, nas casas, e em qualquer lugar: a pandemia. Nesse sentido, no contexto do

---

<sup>6</sup> Uma doença que se espalha por um país inteiro ou pelo mundo (definição do Oxford Learners Dictionary)

<sup>7</sup> Fonte: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC7332915/>

<sup>8</sup> Fonte: <https://news.google.com/covid19/map?hl=en-GB&mid=%2Fm%2F015fr&gl=GB&ceid=GB%3Aen>

jornalismo que realiza a cobertura de um evento dessa magnitude, cujos impactos sociais são imensuráveis, acreditamos que seja ainda maior a responsabilidade do jornalista com relação às práticas de transparência. Quando falamos de orientações médicas, descobertas científicas e estamos em meio a uma situação de calamidade na saúde pública, nos parece claro que o jornalista deve divulgar as fontes. Se uma matéria afirma algo sobre ciência, por exemplo, queremos saber quem afirmou originalmente o que está sendo dito, pois muito provavelmente não foi o próprio jornalista. Mais especificamente em uma era de inúmeras informações contraditórias, é primordial que as fontes jornalísticas sejam referenciadas nas matérias. Por exemplo, uma coisa é dizer que “um estudo de determinado país afirma que...”. Outra coisa é especificar qual a instituição que realizou a pesquisa e oferecer um link para o estudo original.

Diante deste contexto, iremos analisar um dos maiores veículos de comunicação do Brasil - o **problema de pesquisa** deste trabalho é: “como a Folha de S. Paulo se vale de links para apresentar suas fontes de informação em notícias sobre a covid- 19?” O **objetivo geral** é: durante o período de um mês, analisar como as fontes de informação são utilizadas e apresentadas por este veículo na cobertura da Covid-19.

Os **objetivos específicos** são: a) Classificar e contabilizar as fontes quanto a seu tipo; b) Contabilizar o emprego de links externos para sustentação das informações apresentadas nas notícias c) Identificar os temas mais frequentes nas notícias da editoria Covid-19.

Este trabalho está estruturado em cinco capítulos. O segundo abordará a transparência e a credibilidade no jornalismo dentro de um contexto ético, propondo-a como uma necessidade prática para a sobrevivência do jornalismo. Este capítulo trará uma discussão teórica sobre as novas vozes que surgem na cadeia informacional juntamente com a intensa evolução tecnológica durante as últimas duas décadas, gerando grandes impactos sociais. O terceiro versará sobre o jornalismo científico e suas fontes. Neste capítulo, adentraremos mais no contexto da pandemia da Covid-19 e discutiremos aspectos importantes sobre sua cobertura jornalística. O quarto capítulo apresentará os resultados da pesquisa, que consistirá de uma análise geral sobre a cobertura da pandemia pelo veículo a Folha de S. Paulo. Na pesquisa, primeiramente, faremos uma categorização e contabilização dos tipos de notícias veiculadas. Depois, serão analisados os

tipos de fontes mais recorrentes. Finalmente, pesquisaremos se e como links externos são utilizados para sustentar as informações apresentadas no texto da notícia.

## 2 CREDIBILIDADE E TRANSPARÊNCIA NO JORNALISMO

Neste capítulo, abordaremos uma discussão importante dentro do atual contexto do jornalismo, inserido em uma era de novas tecnologias digitais e de consequentes mudanças sociais, sobretudo no âmbito de como a informação é compartilhada e entendida. Os temas abordados discorrem sobre a confiança que a sociedade tem no jornalismo em um contexto onde novas vozes<sup>9</sup> surgem, e passam por questões importantes como a credibilidade e a transparência no âmbito do jornalismo. Cabe ressaltar que essa é apenas uma divisão didática, ou uma escolha subjetiva, já que ambos os temas dialogam entre si e interceptam-se de diversas formas.

### 2.1 CONFIANÇA NO JORNALISMO E O SURGIMENTO DE NOVAS VOZES

Um dos pontos essenciais que diferenciam o jornalismo das inúmeras outras formas de comunicação que surgiram e se multiplicaram intensamente ao longo da última década é sua credibilidade. A confiança, por parte de quem consome a informação, que se tem no processo de apuração das notícias e na ética do comunicador constitui um dos pilares do jornalismo. No momento em que essa relação de confiança é comprometida, a imprensa perde um de seus mais valiosos pressupostos. Através das boas técnicas de apuração e de seleção de notícias, o jornalismo sempre buscou consolidar-se como a voz legítima e confiável na cadeia de informação. Bell, Shirky e Anderson (2012, p.3) dizem que o jornalismo expõe a corrupção, traz atenção para injustiças, faz políticos e empresas responsáveis por suas promessas e deveres. Para Giddens (1991, p. 35), o jornalismo é um exemplo de sistema perito: “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje.”

Essa posição de “guardião da verdade” constitui papel central do jornalismo, transcendendo as inúmeras transformações pelas quais o mundo já passou; independentemente de evoluções tecnológicas, ou de reformulações nas relações sociais, sempre houve a necessidade de obtenção de informação confiável sobre o que acontece no mundo. Afinal, a

---

<sup>9</sup> Utilizaremos o termo para se referir às diversas plataformas e formas de conteúdo online que se propagam na última década, como Podcasts, canais de plataformas de vídeo, websites, blogs, redes sociais, plataformas de streaming.

curiosidade, a necessidade de contextualização e de sentir-se parte do mundo constituem características intrínsecas ao ser humano.

No entanto, hoje existem novas vozes, e o jornalismo perde fatias de seus leitores. As pessoas podem buscar informações - ou até mesmo outras narrativas - em websites, em canais do Youtube, em blogs, em podcasts, em redes sociais ou outras plataformas da internet. Mais do que nunca, a Teoria da Agulha Hipodérmica se encontra obsoleta. Tal teoria, a qual nunca chegou a ser propriamente conceitualizada ou escrita (era mais um substrato teórico), pressupunha que a sociedade era absolutamente vulnerável à manipulação da mídia e que, sem oferecer qualquer resistência, simplesmente aceitava a informação vinda da imprensa - daí a metáfora que equipara a mensagem da mídia a uma “injeção de seringa”. Embora seja inegável a influência e o poder da mídia tradicional na sociedade, os consumidores da informação possuem cada vez mais diversas outras fontes para sua obtenção, o que reforça ainda mais a importância da confiança no jornalismo – pois sua credibilidade é justamente o que o diferencia.

A confiança nos veículos jornalísticos é importante para sua própria sobrevivência e para que eles continuem sendo relevantes. Giddens (1992) traz uma noção interessante sobre a ideia de confiança:

A confiança está relacionada à ausência no tempo e no espaço. Não haveria necessidade de se confiar em alguém cujas atividades fossem continuamente visíveis e cujos processos de pensamento fossem transparentes, ou de se confiar em algum sistema cujos procedimentos fossem inteiramente conhecidos e compreendidos. Diz-se que a confiança é "um dispositivo para se lidar com a liberdade dos outros", mas a condição principal de requisitos para a confiança não é a falta de poder, mas falta de informação plena. (GIDDENS, 1992, p. 35).

Para Kovach e Rosenstiel (2001), a crescente falta de confiança no jornalismo está relacionada à falta de crença, por parte do público, nas intenções do jornalista. Os jornalistas gostam de se enxergar como os substitutos das pessoas, cobrindo os acontecimentos no interesse de todos; porém, cada vez mais, o público não acredita nos jornalistas. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 52).<sup>10</sup> Os autores apontam que o elemento chave para a credibilidade é o

---

<sup>10</sup> Há uma pesquisa do Reuters Institute, de 2019, que aponta um declínio na confiança no jornalismo por parte da população de vários países: [https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2019-06/DNR\\_2019\\_FINAL\\_1.pdf](https://reutersinstitute.politics.ox.ac.uk/sites/default/files/2019-06/DNR_2019_FINAL_1.pdf)

que a sociedade percebe como sendo a razão pela qual o jornalista escreveu uma determinada matéria, e que as pessoas não esperam perfeição, mas sobretudo boas intenções. (KOVACH; ROSENSTIEL, 2001, p. 169). De fato, a maioria das críticas com relação ao jornalismo parece se basear mais em sua parcialidade do que em sua capacidade. Não é comum escutarmos que as técnicas de apuração do jornalismo são ruins; por outro lado, são frequentes as ocasiões em que é dito que o jornalismo serve a interesses de terceiros e é parcial.

Se não houver uma confiança suficiente nos meios de comunicação tradicionais, é natural que os consumidores de informação busquem outros veículos, plataformas e criadores de conteúdo. “Cada trabalhador intelectual, esteja onde estiver, tem acesso aos bancos de dados de todo o mundo, além de acesso a jornais e revistas, que cada vez mais produzem também uma versão para a internet” (KUCINSKI, 2005, p.74). No mesmo contexto, Miguel já parecia antever as possíveis consequências para o jornalismo do fenômeno da difusão dos meios de comunicação, propulsionado pelas novas tecnologias. O autor demonstra sua preocupação com “equipamentos, que antes eram de alto preço, agora tornam-se perigosamente acessíveis, como câmeras de vídeo, redes de computadores, impressoras de qualidade profissional etc.” (MIGUEL, 1999, p. 207). Essas tecnologias podem ser perigosas pois possibilitam a circulação de desinformação. No entanto, ele também sugere que a fragmentação, ou dispersão da mídia pode propiciar uma maior democratização do poder de fala e de disseminação de conteúdos. Nesse sentido, ele sustenta: “por um lado, seria necessário inverter a tendência à concentração na mídia, pulverizando-a em unidades menores, mais próximas do consumidor”. (MIGUEL, 1999, p. 207). Dominique Wolton (2010, p. 15) afirma que “O aumento da circulação de informações sempre mais rapidamente e de maneira mais igualitária, não aumenta a comunicação e a compreensão: os receptores, ou seja, os indivíduos e os povos, resistem às informações que os incomodam e querem mostrar os seus modos de ver o mundo.”

Sob a ótica da credibilidade, o surgimento de novas vozes parece trazer dois aspectos contraditórios a serem analisados. Por um lado - o que justamente vai ao encontro das preocupações de Miguel -, o barateamento e as facilidades das novas tecnologias resultam em mais pessoas desqualificadas praticando jornalismo de uma forma questionável, o que conseqüentemente levaria a uma maior descredibilidade do jornalismo. Por outro lado, porém, os mesmos barateamento e facilidades dessas tecnologias levam a um número muito maior de “vozes” desqualificadas e questionáveis fora do jornalismo, o que reforçaria o papel do

jornalismo como uma âncora, um porto seguro da verificação da realidade, consequentemente o credibilizando mais.

Obviamente, há “novas vozes” disseminando conteúdos e informação de qualidade em uma escala sem precedentes. Nesse sentido, é importante ressaltar que essa monografia não busca opor-se às novas tecnologias, tampouco formular postulados generalistas. Evidentemente, essas novas vozes também trazem benefícios inclusive para o próprio jornalismo, o qual passa a ser mais participativo e ter novas possibilidades de exploração da realidade, assim como disponibilizam um alcance sem precedentes na obtenção de dados por parte dos jornalistas. Primo e Trasel (2006), por exemplo, discorrem sobre as novas formas de jornalismo propiciadas pelos avanços tecnológicos. Novas formas que surgiram até mesmo em contextos políticos ditatoriais, como uma forma de resistência à censura e à desinformação. Tais práticas acabam influenciando a maneira como se enxerga e se pratica o jornalismo.

A produção e circulação de notícias desvinculada de grandes empresas de comunicação e da imprensa oficial, praticada até mesmo por pessoas sem formação em jornalismo, tem também um sentido político, sendo com frequência um instrumento de resistência e ativismo. Os sites de jornalismo participativo OhmyNews e Centro de Mídia Independente (CMI) têm justamente esse caráter em sua gênese (...) o internauta tem hoje acesso mais fácil às fontes primárias da informação, podendo tangenciar a mediação do jornalista. Neste contexto, a filtragem ganha importância frente à mediação e emerge a figura do *gatewatcher*<sup>11</sup>, para além do tradicional processo de *gatekeeping*. (PRIMO e TRASEL, 2006, p. 5).

Bell, Shirky e Anderson (2012) demonstram sua preocupação com o rumo do jornalismo, influenciado pelas novas tecnologias e pela maior liberdade de comunicação na sociedade como um todo. No entanto, os autores acreditam que as mesmas tecnologias, após uma temporária queda na qualidade do jornalismo, seriam responsáveis também por uma futura melhora na qualidade e nas técnicas jornalísticas de apuração e de análise de dados. Essa posterior melhora, entretanto, poderia levar décadas. Os autores salientam que o termo indústria de notícias já não existe mais:

Não existe mais algo como uma indústria de notícias. Existia antes, mantida pelas coisas comuns que mantêm qualquer indústria: uma semelhança nos métodos ao longo de um grupo relativamente pequeno e coerente de negócios, e uma impossibilidade de qualquer pessoa fora do grupo de produzir um produto

---

<sup>11</sup> “Observação dos portões de saída de veículos noticiosos e outras fontes, de modo a identificar o material importante assim que ele se torna disponível.” (BRUNS, 2005, p. 17)

competitivo. Essas condições não existem mais. (BELL, SHIRKY e ANDERSON, 2012, P. 1).

A preservação dessa credibilidade, que é essencial para a manutenção do lugar de fala do jornalismo, é muitas vezes ameaçada. Bruns (2011) afirma que no contexto atual de convergência midiática, interações com sujeitos (leitores, veículos, jornalistas e fontes) em novos e diversos canais tencionam o campo jornalístico; em blogs e sites de redes sociais, há comentaristas que a todo o momento criticam, corrigem e desafiam o jornalismo convencional.

Primo e Trasel (2006) apontam o próprio desenvolvimento do jornalismo participativo como sendo uma espécie de resposta à insatisfação com o jornalismo tradicional:

A insatisfação com a qualidade do jornalismo entre a audiência — e entre os próprios jornalistas — não é novidade. Ativistas à direita e à esquerda tradicionalmente denunciam a suposta parcialidade e comprometimento da mídia com interesses comerciais. Leitores especialistas em determinado campo, por outro lado, irritam-se com as imprecisões ou erros flagrantes contidos em reportagens (PRIMO e TRASEL, 2006, p. 5.).

No entanto, é razoável afirmar que, apesar dos surgimentos de novas formas de comunicação que passam a “competir” com o jornalismo, ainda existe uma credibilidade maior para com os veículos tradicionais em relação às novas mídias. Nesse sentido, talvez coubesse uma analogia: o jornalismo seria como aquela pessoa que você critica, mas admira e consulta. Para Doraci Jacobus (2018, p. 28), “o jornalismo conta também com a credibilidade conquistada através de décadas de atuação identificada pela sociedade, na maioria das vezes, como profissional e isenta, e pela reafirmação do discurso de seu compromisso com a verdade e com a democracia.”. Luciana Mielniczuk (2003, p. 34) sustenta que em sua tese de doutorado que “a tendência ainda é a existência de produtos vinculados não só ao modelo do jornal impresso enquanto produto, mas também às empresas jornalísticas cuja credibilidade e rentabilidade estavam associadas ao jornalismo impresso.” A autora discorre sobre como veículos tradicionais de jornalismo impresso acabaram levando o mesmo modelo e formato de notícias para o jornalismo na web. É inegável que o formato clássico de notícias impressas ainda carrega certa autoridade e credibilidade. Por outro lado, na web também se tornam possíveis práticas de transparência impossíveis de serem replicadas no impresso. Nesse sentido, Mielniczuk (2003, p. 34) destaca que, ao mesmo tempo em que se ancoram no modelo do jornal impresso, as

publicações para a web já começavam a explorar as potencialidades do novo ambiente, tais como links com chamadas para notícias de fatos que acontecem no período entre as edições; (...) e a elaboração das notícias passa a explorar os recursos oferecidos pelo hipertexto.

No contexto do Brasil, essa credibilidade, no entanto, tem sido combatida através de frequentes críticas à imprensa, feitas por frentes políticas que buscam a ascensão utilizando-se de uma tática de antagonização ao “sistema”. Afinal, para muitas pessoas, as mídias tradicionais são uns dos mais claros representantes do “sistema” – quando o termo é utilizado em seu sentido pejorativo, o qual nos remete à ideia de corrupção e de interesses. A extrema direita brasileira, inspirada pela americana, enxergou que haveria uma boa parte da população que compraria esse ideal: a ideia simplista, facilmente compreensível e vendível de que está tudo errado no “sistema”; inclusive o jornalismo, corrompido e parcial.

Mariana Barbosa (2019) discorre dentro desse contexto:

Políticos autoritários, à esquerda e à direita, se notabilizam por ataques contra a mídia tradicional. Sua arma para desacreditá-la é dizer que as reportagens que a veiculam - em particular quando desagradam ao interlocutor e o incomodam - não passam de fake news. Esses políticos e seus seguidores também são mestres em compartilhar pseudonotícias, de veículos de origem duvidosa, acompanhadas do bordão “isso a imprensa não mostra (Barbosa, 2019, p.8)

Diante desse contexto, é de suma importância que o jornalismo mantenha sua credibilidade diante da população, combatendo a disseminação de informações falsas ou sem embasamento e, portanto, validando seu papel como uma das forças que mantém a organização informacional do mundo.

## 2.2 TRANSPARÊNCIA

O mau uso de fontes e de dados pode ser um instrumento altamente manipulador no jornalismo. Na grande maioria das ocasiões, o jornalista necessita escolher recortes das informações originais para serem noticiados, o que pode ensejar descontextualizações dessas informações. Com relação ao processo de interpretação de dados - o qual transforma números em informação -, este é sobretudo altamente passível de erros, e muitas vezes até sujeito a deliberadas distorções. Dessa maneira, é essencial que o jornalista revele e, sempre que possível, também forneça acesso às fontes originais. Dessa forma, um eventual leitor que queira se informar mais, ou até mesmo checar os fatos noticiados, tem a possibilidade de consultar as informações em primeira mão. Para Kovach (2001, p. 73), “jornalistas que selecionam fontes para expressar o que na verdade é o seu próprio ponto de vista e então usam uma voz neutra para tentar parecer objetivos estão engajados em uma forma de manipulação. Isso debilita a credibilidade da profissão, fazendo a parecer sem princípios, desonesta e parcial.”

A credibilidade do jornalismo está intimamente relacionada à transparência de suas práticas. Gehrke (2017) defende o resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados (JGD), que envolve desde a coleta, a compilação, a análise e até a visualização de dados, em geral extraídos de repositórios públicos. A autora discorre dentro do contexto do Jornalismo Guiado por Dados, reforçando a importância de práticas de transparência como o uso de Hiperlink, demonstração das escolhas, métodos e limitações das pesquisas. “O JGD, por apresentar procedimentos de apuração bem definidos, está ainda mais próximo da objetividade como verdade verificável a partir da observação e do relato dos fatos, fazendo com que perca força a noção do conceito como algo inatingível e subjetivo”. (Gehrke, 2018, p.3). A autora (2018, p. 12-13) apresenta três parâmetros fundamentais para a transparência no jornalismo:

1) Clareza nas fontes: a autora defende que em geral - exceto caso haja algum risco ou condição especial - as fontes consultadas devem ser divulgadas na notícia ou reportagem.

2) Abertura de pesquisas, testes e análises: a divulgação também dos procedimentos adotados na construção da notícia: o passo a passo do jornalista.

3) Correção de erros e atualização: a divulgação dos eventuais erros cometidos, assim como a constante atualização das informações quando necessário.

Logo, fica claro que os parâmetros propostos por Gehrke passam necessariamente também pelo uso de hiperlink.

A transparência é amplamente facilitada dentro do jornalismo web, tendo em vista que nele há a possibilidade do uso de hiperlinks, o que é dificultado no impresso, na televisão ou no rádio. Um link pode ser fornecido nestes últimos meios; no entanto, a probabilidade de que seja de fato acessado é extremamente reduzida devido à não praticidade de se copiar um link, letra por letra, na URL de um navegador da web. Ao passo que na internet, ao nos depararmos com um link em uma reportagem, seu acesso dependerá de um mero clique. Canavilhas (2014) cita a hipertextualidade como uma das sete diferenças que distinguem o webjornalismo: hipertextualidade, instantaneidade, memória, personalização e ubiquidade, multimídia. O autor, porém, ao discorrer sobre a hipertextualidade, não centraliza a discussão em torno da transparência. Embora relacionados, Canavilhas (2014) aborda outros importantes potenciais do hipertexto, tais como o aprofundamento do conteúdo e a contextualização dos acontecimentos. O autor até se aproxima um pouco mais da discussão com relação à transparência ao propor em seu modelo a presença de hiperlinks para “exploração” - hiperlinks que estabelecem ligações com outras informações existentes no arquivo da publicação ou em sites externos. No entanto, a transparência não constitui tema central em seu debate.

O uso de links, tanto para contextualização dos fatos quanto para a divulgação de fontes dos dados apresentados em uma notícia, é uma prática de transparência para com o leitor, a qual torna-se ainda mais essencial no contexto informacional em que vivemos, no qual há uma quantidade enorme de informações vindas de todos os lados. Filtrar e organizar esse volume de informação é um dos atuais desafios enfrentados por jornalistas e por não jornalistas. Para Karlson e Christer Clerwall<sup>12</sup> (2018, p.7), se as organizações midiáticas buscam melhorar como os cidadãos enxergam o jornalismo em geral, e a credibilidade do jornalismo em particular, hiperlinks são provavelmente a melhor maneira de melhorar a impressão do público. Kovach<sup>13</sup> (2001, p.80) coloca que a transparência também ajuda a deixar claro que o jornalista tem o interesse público como motivação.

---

<sup>12</sup> Tradução do autor

<sup>13</sup> Tradução do autor

Karlson (2010) apresenta duas óticas interessantes relacionadas à ideia de transparência; por um lado, a transparência pode ser vista como um esforço do jornalista para explicar o processo de seleção e de elaboração das notícias - Por que publicamos essa notícia, e não outra? Quais são nossas limitações? Quais fontes foram consultadas? - A segunda ótica da transparência relaciona-se à possibilidade de que o leitor participe do processo jornalístico, por meio de comentários, correções, envio de vídeos, fotos, informações etc. Deuzi (2005, p. 455 apud KARLSON, 2010, p. 538) também defende participação do usuário da informação no processo jornalístico ao propor que a transparência pode ser definida como “crescentes formas como pessoas dentro e fora do jornalismo recebem uma chance de monitorar, checar, criticar ou até mesmo intervir no processo jornalístico”.

No próximo capítulo, abordaremos as fontes dentro do jornalismo científico e o fenômeno do negacionismo.

### 3 O JORNALISMO CIENTÍFICO E SUAS FONTES

Neste capítulo, primeiramente abordaremos o conceito de jornalismo científico. Embora nossas proposições com relação à transparência e à divulgação das fontes se apliquem ao jornalismo de uma forma geral, é pertinente brevemente apresentar essa discussão conceitual. Depois, traremos algumas classificações de fontes utilizadas pelo jornalismo científico. Também neste capítulo, traremos a discussão sobre o fenômeno do negacionismo – essa questão é relevante, pois faz uma ponte com a próxima subseção, onde adentraremos o atual contexto da desinformação, como uma das dificuldades enfrentadas pelo jornalismo durante a pandemia.

#### 3.1 AFINAL, O QUE É JORNALISMO CIENTÍFICO?

Existe uma definição, proposta por Wilson Bueno (1984), em torno dos termos difusão científica, disseminação científica, divulgação científica e jornalismo científico. De acordo com o autor, “cada um desses conceitos assume contornos próprios, ainda que se articulem num terreno comum: processos, estratégias, técnicas e mecanismos de veiculação de fatos e de informações que se situam no universo da ciência e da tecnologia” (BUENO, 1984, p. 12-13).

Para Bueno (1985, p. 1420), a difusão científica tem limites bastante amplos; na prática, faz referência a todo e qualquer processo e recurso utilizado para a veiculação de informações científicas e tecnológicas. Ou seja, a difusão científica engloba todos os outros termos. Já a disseminação científica seria a transferência de informações científicas entre um público mais seletivo: o de especialistas. Poderíamos exemplificar o conceito com o caso de uma revista sobre cardiologia, distribuídas para médicos cardiologistas. Para o autor (1985), a disseminação científica utiliza “códigos especializados” – em outras palavras, faz uso de uma linguagem mais técnica. A divulgação científica, para Bueno (1985), seria a veiculação de informações científicas para o público em geral e inclui, por exemplo, livros didáticos de ciência para estudantes do segundo grau e, também, o jornalismo científico, o qual seria uma divulgação científica com periodicidade, servindo ao interesse público e com as demais características que definem o jornalismo. Nesse sentido, cabe destacar também a definição de Filho (2006) para jornalismo científico:

Tais elementos delimitam o que aqui se entende por jornalismo científico: um produto elaborado pela mídia a partir de certas regras rotineiras de jornalismo em geral, que trata de temas complexos de ciência e tecnologia e que se apresenta, no plano linguístico, por uma operação que a torna fluída a leitura e o entendimento do texto noticioso por parte de um público não especializado (BERTOLLI FILHO, 2006, P.3).

É comum associar o jornalismo científico especificamente às revistas ou newsletters focadas tão somente na publicação artigos científicos; publicações com uma linguagem mais técnica e um público mais específico. Esta é a imagem preponderante que se tem do jornalismo científico. Por exemplo, Felipe Pena (2005) coloca que o jornalismo científico é um instrumento que tem como finalidade popularizar a ciência e educar as pessoas. Percebe-se claramente esse viés de divulgação da ciência, o que não é a essência da cobertura da pandemia, por exemplo, a qual tem como finalidade essencial a divulgação de informações científicas para fins de saúde pública – e não a disseminação da ciência como um fim em si.

No entanto, de acordo com as definições de Wilson e de Filho, fica claro que qualquer forma de jornalismo que veicula notícias sobre ciência também é considerada como sendo jornalismo científico; e obviamente isso inclui o jornalismo da saúde, tendo em vista que trata primordialmente sobre temas relacionados à medicina, que é um ramo da ciência. A cobertura da pandemia também envolve conteúdos sobre biologia – conteúdos sobre o vírus -, que também é um ramo da ciência.

Macri Colombo e Denize Piccolotto Levy (2012) afirmam que “o jornalismo científico se encarrega da árdua tarefa de decodificar para a população, informações áridas quando se trata do assunto que envolve ciência, sendo que a prioridade dos veículos de comunicação é a de transmitir as informações e até mesmo divulgar conhecimento para saciar o interesse humano, quer ele seja um grupo seletivo ou de massa.”. Ou seja, essa proposição reforça a ideia de que o jornalismo científico não necessariamente está direcionado a públicos seletos e reduzido a revistas e newsletters com artigos sobre ciência.

A cobertura da pandemia mobiliza diferentes especialidades do jornalismo. Por um lado, ela se trata de jornalismo científico, pois o estudo do vírus e do corpo humano é uma forma de ciência. Além disso, ela pode ser vista como uma cobertura de jornalismo da saúde, pois obviamente diz respeito à saúde da população. Por fim, ela engloba elementos do Jornalismo Guiado por Dados, já que o jornalista precisa trabalhar com dados epidemiológicos – entre outros -, o que envolve pesquisas em bancos de dados públicos, em organizações e em estudos internacionais.

### 3.2 AS FONTES DO JORNALISMO CIENTÍFICO

A utilização de fontes adequadas no jornalismo científico é essencial. O jornalista deve ter uma boa noção de quais fontes são confiáveis ou não. Caso contrário, ele estará apenas propagando informações que podem ser questionáveis do ponto de vista científico.

Roxana Tabakman (2013) agrupa as principais fontes do jornalismo da saúde, das mais tradicionais às mais inovadoras, nas seguintes categorias<sup>14</sup>:

1. Especialistas
2. Publicações científicas e validadas.
3. Releases
4. Empresas, ONGS e outros grupos de interesse.
5. Congressos ou reuniões científicas.
6. Material jornalístico (atual ou de arquivo)
7. Pacientes e seus familiares, usuários, consumidores
8. Celebidades
9. Internet

Na ótica do Jornalismo Científico, Wilson Bueno (2011) classifica as fontes em duas grandes categorias: documentais ou testemunhais. Segue sua definição para as fontes testemunhais:

As fontes testemunhais são representadas pelos entrevistados, protagonistas básicos, indispensáveis, da cobertura jornalística de maneira geral. No caso específico do Jornalismo Científico, elas comumente são integradas por pessoas que detêm informação ou conhecimento especializado, como os pesquisadores, os cientistas, ou mesmo profissionais (médicos, engenheiros, ou técnicos). (BUENO, 2011, p. 55).

Bueno (p. 56) traz alguns exemplos de fontes documentais: (...) anais de congressos técnico-científicos, periódicos especializados, relatórios consubstanciados, dissertações e teses, relatórios de pesquisa, documentos oficiais de políticas públicas, textos, materiais e artigos inseridos em várias mídias ou ambientes (jornais e revistas especializados, portais e sites etc.). O

---

<sup>14</sup> Utilizaremos a classificação de Tabakman nesta pesquisa.

autor ressalta a possibilidade de maior acesso a tais fontes em virtude da expansão da web nas últimas duas décadas.

Marília Gehrke também propõe uma classificação interessante das fontes – com relação ao tipo (2018) e à origem (2020) - para o Jornalismo Guiado por Dados. A autora (p. 90 – 92) divide as fontes em três tipos:

1 – Arquivo documental: seriam documentos em geral, tais como notas (por exemplo, um pedido oficial de um órgão público), cartilhas, memorandos, relatórios, decretos, rankings, resoluções e leis. Estudos também se enquadram nessa categoria.

2 - Estatísticas: números levantados em relatórios, dados estruturados em planilhas, pesquisas, cartas de conjuntura com dados etc.

3 – Reprodução: declarações emitidas por pessoas e organizações (por veículos de comunicação também) podendo ter natureza pessoal ou documental. Por exemplo, uma fala transcrita de uma fonte ou de uma coletiva de imprensa, ou até mesmo postagens em redes sociais.

Baseada em definições de Lage (2009), adaptadas ao contexto de Jornalismo Guiado por Dados, Gehrke (2020, p. 12) propõe que as fontes sejam divididas com relação à origem em:

1 - empresarial – abrange empresas e companhias do setor privado

2 - especialista – instituições que produzem conhecimento científico

3 - alternativa – organizações sociais, ativistas, plataformas agregadoras e outros;

4 - oficial – poder público, órgãos governamentais, fundações, associações e sindicatos, por exemplo.

A autora discorre sobre a possibilidade de uma maior obtenção de dados em um mundo onde o acesso à informação é cada vez maior. Para Gehrke (2018, p. 110) ,“o cenário da produção jornalística está em transformação no que se refere ao uso de fontes. O acesso à transparência pública e a decorrente ampliação da disponibilidade de bases de dados e documentos, em um ambiente big data, fornecem subsídios para a construção de conteúdo baseado em dados e não apenas em declarações oficiais”. No mesmo sentido, Tabakman (2013, p. 28), traz dois questionamentos interessantes: “é possível fazer bom jornalismo limitando-se a

dar só a informação oficial autorizada previamente por uma instituição, seja policial ou médica? O que acontece com a confiabilidade da informação se a visão de quem a midiaticiza é ofuscada pelo desconhecimento técnico?”.

A autora defende que o jornalista deve adquirir conhecimento sobre onde encontrar fontes confiáveis sobre um determinado tema, se familiarizando com sua comunidade :

Não é segredo que muitas fontes têm interesses próprios, segundas intenções e riscos ocultos. Para um jornalista, é a experiência que lhe dá o método e o critério para depurá-las, descartando as pouco fiáveis, manipuladoras, e recorrendo às de confiança. Mesmo assim, é imprescindível para eles também adquirir os conhecimentos necessários para ter acesso a outras formas de comunicação próprias da comunidade e interpretá-las. No terreno médico, os exemplos mais notórios – mas não os únicos – são as publicações técnicas e os congressos. (Tabakaman, 2013, p. 28).

Em 2020, a OMS<sup>15</sup> divulgou um guia para jornalistas que cobrem a pandemia, o qual cobre questões sobre transparência e apresenta sites de confiança de onde informações relacionadas ao vírus podem ser consultadas. De acordo com a Organização, as principais fontes de informações sobre saúde são:

- Ministros da Saúde (estaduais, locais ou nacionais)
- A OMS
- A Organização Pan Americana da Saúde
- Autoridades nacionais em outros setores do governo
- Centros governamentais de excelência em saúde
- Laboratórios nacionais de referência
- Institutos de Saúde Pública
- Universidades
- Escolas de Saúde Pública
- Instituições nacionais e internacionais que investigam o vírus e a doença
- Artigos acadêmicos
- Hospitais de pesquisa
- Instituições de pesquisa
- Publicações acadêmicas

---

<sup>15</sup> [https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52392/PAHO-CMUPACOV-1920003\\_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y](https://iris.paho.org/bitstream/handle/10665.2/52392/PAHO-CMUPACOV-1920003_eng.pdf?sequence=1&isAllowed=y)

- Em OPS Coronavirus: <https://covid19-evidence.paho.org>
- Em <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed>
- Em <http://www.sciencedirect.com>

Materiais de orientação voltados para jornalistas durante cobertura da pandemia também foram produzidos no Brasil. De acordo com o O Guia de Cobertura Ética da Covid-19 do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS) (2020, p.6), não há jornalismo sem fontes, e quanto mais confiáveis elas forem, mais segura e responsável será a sua notícia. O guia recomenda que o jornalismo busque especialistas reconhecidos na academia e no setor produtivo, considere a reputação profissional, a especialidade e o vínculo das fontes com instituições renomadas e verifique suas credenciais, e que também observe se há conflitos de interesse nas versões que essas fontes apresentam. O manual orienta jornalistas no contexto das dificuldades que o jornalismo enfrenta na pandemia:

Cobrir a pandemia tem desafios adicionais como a dificuldade de deslocamento dos jornalistas, acesso prejudicado às fontes, e informações conflitantes e contraditórias. Esses empecilhos interferem no seu trabalho de apuração, mas não abra mão das necessárias pesquisas e verificações de rotina. Se a informação ainda é incerta, não publique ainda. Será pior ter que retificar depois. Negocie prazos e condições de publicação com editores, e alerte para a inconsistência da informação. (O Guia de Cobertura Ética da Covid-19, 2020, p. 8)

### 3.3 NEGACIONISMO

O “amplo acesso” a informações é uma questão interessante a ser analisada. Se por um lado, temos mais acesso a todas as infinitas formas de conteúdo, cursos, informações, cultura e ciência; por outro, em muitas ocasiões esse “acesso” não necessariamente se converte em um aprofundamento. Uma pessoa pode ler vários artigos sobre um determinado assunto científico, por exemplo, mas isso por si só não a tornará uma cientista. O cientista cursou uma pós-graduação e dedicou-se por anos para dominar sua área de especialização; provavelmente, o cientista passou incontáveis horas com outros cientistas discutindo sobre ciência. Há uma grande chance de que esse cientista tenha tido acesso a laboratórios, pesquisas, e que em seus anos de trabalho tenha desenvolvido uma base sólida de conhecimento. Todos esses fatos, conjuntamente, lhe encaminharam a uma posição onde ele possa contribuir para a ciência e exercer um local de fala.

Um determinado dia, porém, aquela pessoa, que não é cientista, mas que possui algum conhecimento e interesse, ou até mesmo uma pessoa que não possui absolutamente nenhum conhecimento sobre um determinado tema, pode vir a ter contato com um grupo de pessoas que afirmam coisas que simplesmente contrariam todo o conhecimento científico que se tem sobre esse tema. Por algum motivo, emocional, político ou até mesmo por ter sido manipulada, essa pessoa pode tornar-se uma seguidora de um movimento negacionista – como, por exemplo, o de que a terra é plana -, passando a compartilhar com outras pessoas essas mesmas ideias, contrárias ao senso comum das instituições científicas.

Mariana Barbosa (2019) faz uma interessante analogia ao colocar que números como a taxa de juros, os padrões da dívida pública, índices de aquecimento global são como “números mágicos”, tendo em vista que a população não possui acesso às escolhas que os produziram. Curiosamente, a população possui um acesso sem precedentes a aos números em si. A autora coloca:

O mesmo vem acontecendo com a ciência, o que indica a generalização de um sistema social que vai bem além das fake news. Decisões de políticas públicas para combater o aquecimento global ou para regular o uso de agrotóxicos ou de organismos geneticamente modificados, por exemplo, envolvem pesquisas às quais poucas pessoas têm acesso. Pede-se somente que confiem nos especialistas. Mas essa transferência de autoridade, baseada na confiança, não funciona mais como antes. (BARBOSA, 2019, p. 8)

Um artigo<sup>1617</sup> publicado pela The Royal Society Publishing em 2019 demonstra preocupação com o crescente negacionismo científico que vem marcando o que os autores chamam de a era da pós-verdade. Para eles, o engano é um lugar comum em todos os níveis da vida contemporânea e a falsidade afeta a ciência e as informações sociais. Ambos se tornaram parte de todas nossas interações em um nível global, prejudicando a confiança na ciência e a capacidade dos indivíduos e da sociedade de tomar escolhas baseadas em evidências (HOPF et. ali. 2019, p.1).

O negacionismo científico é um problema porque influencia a opinião pública e pode gerar consequências em importantes âmbitos sociais. Um exemplo que ilustra muito bem essa questão são as teorias de conspiração anti vacinação, que podem gerar receio por parte da

---

<sup>16</sup> Pode ser acessado em <https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.190161>

<sup>17</sup> Tradução do autor.

sociedade em vacinar-se. Tais teorias não estão restritas a países emergentes ou subdesenvolvidos. Apesar de um amplo consenso entre a comunidade científica em geral com relação a ambos os benefícios e a segurança da vacinação em crianças, ceticismo e puro negacionismo persistem entre partes da população do mundo desenvolvido (Attwell e Smith 2017, p. 108).

É importante destacar, nesse sentido, que o negacionismo científico contra a vacinação não é a única razão que explica a oposição à vacinação. Há pessoas que criticam a vacina contra a HPV, por exemplo, por supostamente incentivar a promiscuidade entre adolescentes - embora não haja nenhuma evidência ou estudo que indique isso - ou até mesmo por questões religiosas. Para Kahan (2014), uma parte do movimento anti vacinação está relacionada à simples oposição à eventual obrigatoriedade de vacinação, por um princípio de autonomia individual.

No entanto, o negacionismo científico – ou em outras, palavras, duvidar dos benefícios de uma vacina cuja eficácia e segurança já são amplamente aceitas pela comunidade científica - parece ser um problema mais grave, pois propaga a descredibilidade do que representa uma das importantes instituições da humanidade: a ciência.

A disseminação do negacionismo também é muitas vezes ensejada por questões políticas. No atual contexto da pandemia da Covid-19, o próprio presidente do Brasil, em mais de uma ocasião, se posicionou contrário à vacinação. Em uma declaração<sup>18</sup> feita em Porto Seguro (BA), por exemplo, o presidente afirmou que não tomaria a vacina pois já “teve” o vírus. No entanto, a declaração do presidente – a qual influencia milhares de pessoas – parece desalinhada com as recomendações científicas, já que próprio Centro de Controle e Prevenção de Doenças dos Estados Unidos já afirmou que é recomendável vacinarem-se inclusive os que já contraíram a Covid-19, tendo em vista que não se sabe por quanto persiste a imunidade adquirida após a recuperação da doença causada pelo vírus.

Marília Gehrke (2020) discorre dentro do contexto brasileiro durante a pandemia da Covid-19 sobre a importância da imprensa como agente central na disseminação de informações:

---

<sup>18</sup> Fonte: <https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2020/12/17/bolsonaro-diz-que-nao-tomara-vacina-e-chama-de-idiota-quem-o-ve-como-mau-exemplo-por-nao-se-imunizar-eu-ja-tive-o-virus.ghtml>

A ausência ou o desencontro de informações por parte do governo federal e de governos locais associados à disseminação de desinformação, especialmente por meio de sites de rede social e de aplicativos de mensagens, contribuíram para a centralidade da imprensa como ator fundamental a quem se recorre na busca de informações qualificadas durante a pandemia. (GEHRKE, 2020, p. 2)

A autora aponta os desafios enfrentados pelos jornalistas, citando exemplos como cálculos de subnotificações de mortes e casos de Covid-19, tipos de dados, impactos de baixa testagem no número de infecções e óbitos ou em que fase da pandemia nos encontramos. Gehrke diz que os jornalistas tiveram de aprender sobre quais bancos de dados e repositórios são ou não confiáveis, além de buscar informações em outras fontes como estudos, rankings, legislações entre outras.

Para que se possa combater o negacionismo, é cada vez mais importante que o jornalista desenvolva conhecimentos mais específicos dentro dos temas sobre os quais está escrevendo; sobretudo, se o jornalista frequentemente escreve sobre sobre um mesmo determinado assunto. Dessa forma, o jornalista protege-se com argumentos mais consistentes e possui uma visão mais ampla que lhe permite dialogar melhor dentro de um certo tema, assim como apresentar informações mais consistentes. Anderson, Emily Bell e Clay Shirky argumentam nesta direção:

A extensão até onde o jornalista agora necessita possuir um conhecimento profundo sobre algo além do jornalismo está aumentando. Exposto por uma maior disponibilidade e qualidade de comentários especializados e de conhecimento, um déficit nas habilidades dentro do jornalismo profissional é muito mais evidente. Em campos como os da economia, ciência, relações internacionais e negócios, a complexidade das informações e a velocidade em que as pessoas esperam recebê-las explicadas e contextualizadas torna pequeno o espaço para o generalista mediano. (ANDERSON, BELL, SHIRKY, 2015, p. 35)<sup>19</sup>

Os autores ressaltam a importância de que os jornalistas aprendam a utilizar bancos de dados corretamente, tendo a consciência de que interpretações de números podem ser parciais e falhas. Eles também chamam a atenção para o fato de que disponibilidade de dados não se converte necessariamente em uma acessibilidade aos dados.

---

<sup>19</sup> Tradução do autor

### 3.4 JORNALISMO E DESINFORMAÇÃO NA PANDEMIA

Durante a pandemia, surge um novo conceito: infodemia<sup>20</sup>. De acordo com a Organização Mundial da Saúde, uma infodemia é uma sobrecarga de informações sobre um problema que torna mais ainda difícil que soluções sejam encontradas. A OMS atenta para o fato de que uma infodemia pode aumentar erros, desinformação e rumores - impedindo respostas efetivas e gerando confusão e desconfiança em soluções e orientações que buscam prevenir a doença.

Como os jornalistas podem desmentir desinformações sobre o Covid-19? Como informações amplamente circuladas, como memes proclamando curas milagrosas, e estatísticas enganosas causam dano à sociedade e ameaçam a saúde pública? Como os jornalistas podem manter sua segurança enquanto noticiam essa pandemia sem precedentes? Essas são importantes questões levantadas pela UNESCO<sup>21</sup>, que juntamente com a Organização Mundial da Saúde, preparou um curso<sup>22</sup> sobre cobertura jornalística da pandemia em maio de 2020. Em uma das leituras que compõem o curso, a jornalista Melissa Bailey discorre sobre as dificuldades encontradas pelo jornalismo norte americano para enfrentar a desinformação – a qual, segundo Bailey, é disseminada no Facebook e até mesmo pelo próprio presidente dos Estados Unidos à época, Donald Trump. A jornalista traz algumas orientações com relação à cobertura da pandemia:

Se palavras não conseguirem atingir o leitor, uma imagem pode ser mais poderosa. Tem sido demonstrado que gráficos são mais persuasivos do que texto em contra-atacar a desinformação. (...) Cite fontes confiáveis, como profissionais da saúde e cientistas. ( BAILEY, 2020)

Cristina Tardaguilla é fundadora da agência de fact-checking Lupa, e participante do projeto Corona Virus Fact-Checking Alliance – realizado pelo Instituto Poynter e pela International FactChecking Network. Em entrevista que também faz parte do curso da OMS, Tardaguilla aponta três fatores, dentro do contexto da pandemia, que favorecem a disseminação da desinformação. O primeiro seria o fato de que o vírus é muito recente ainda e, por isso, não se tem muitas informações científicas sobre ele. O segundo fator é o pânico que a pandemia gera na

---

<sup>20</sup> Traduzido pelo autor do termo original em inglês “Infodemic”

<sup>21</sup> <https://en.unesco.org/news/journalism-pandemic-reinstating-paramount-importance-facts>

<sup>22</sup> <https://journalismcourses.org/pt-br/course/enpandemic/>

sociedade, contribuindo para que as pessoas espalhem conteúdos falsos. O terceiro é que, por se tratar de saúde – ao invés de política, por exemplo -, as pessoas acabam espalhando notícias falsas com boas intenções; por exemplo, para ajudar uma pessoa que ama.

Tardaguilla aponta sete “ondas de desinformação” que surgiram sucessivamente durante a pandemia:

1 - A origem do vírus, possivelmente criado por Bill Gates ou em um laboratório na China.

2 – Vídeos editados de pessoas tendo ataques do coração por causa do vírus.

3 – Falsas curas e tratamentos preventivos – a qual, segundo ela, é a onda mais perigosa por afetar a saúde pública.

4 – Pessoas utilizando-se do vírus para espalhar ideias preconceituosas “anti-chinesas”.

5 – Pessoas utilizando-se do vírus para espalhar ideias de supremacia racial ou religiosa. Por exemplo: o fato de que muçulmanos estão melhores preparados para lutar contra o vírus, ou que afro-americanos e negros possuem uma genética mais resistente ao vírus.

6 – Desinformação sobre lockdowns e medidas de isolamento.

7 – Desinformações utilizadas como manobra política, como, por exemplo, nos Estados Unidos, no Brasil e na Espanha.

Em abril de 2020, o Centro Internacional de Jornalistas e a Tow Center for Digital Journalists da Columbia University iniciaram a primeira pesquisa<sup>23</sup> de larga escala sobre jornalistas na pandemia. O projeto mapeou os impactos da pandemia no jornalismo em nível global. Após a entrevista com mais de 1400 jornalistas de 125 países, algumas das principais constatações das pesquisas até o momento foram:

1 - Políticos e agentes da administração pública foram identificados por 46% dos entrevistados como sendo a maior fonte de desinformação

2 - 81% disseram que eles se deparam com desinformação pelo menos semanalmente, sendo que mais de um quarto deles encontram informações falsas muitas vezes todos os dias.

3 – O Facebook foi identificado como sendo o maior disseminador de desinformação.

4 - Quase metade disseram que suas fontes haviam expressado medo de retalhamento por terem falado com jornalistas na pandemia.

---

<sup>23</sup> <https://www.icfj.org/our-work/journalism-and-pandemic-survey>

5 - 30% disseram que suas organizações midiáticas não deram aos repórteres em local nenhum equipamento de proteção durante a primeira onda da pandemia.

6 - 70% identificaram impactos na saúde mental de se cobrir a Covid-19 como sendo o desafio mais difícil.

Dificuldades para obtenção de dados sobre a epidemia podem ser impostas pelo Estado também. De acordo com o Portal G1<sup>24</sup>, em junho de 2020, o Ministério da Saúde do Brasil realizou mudanças na publicação de seu balanço de dados da pandemia. O órgão público retirou do ar, por algumas horas, o número de mortos e contaminados pela Covid-19 expostos em seu portal; depois, quando republicou os dados, apresentou somente os novos casos diários e retirou os links para download dos dados em formato de tabela. Entre os dados retirados, estavam a curva de casos novos por semana epidemiológica, mortes por data de notificação e por semana epidemiológica e os óbitos acumulados por data de notificação e por semana epidemiológica. Além disso, os dados publicados eram conflitantes. Diante do ocorrido, os veículos de imprensa G1, O Globo, Extra, a Folha de S. Paulo, O Estado de São Paulo e UOL formaram uma parceria – o consórcio de veículos de imprensa – para apurar dados sobre a epidemia junto às Secretarias de Saúde estaduais. O consórcio de veículos faz levantamentos diários sobre números de óbitos, casos e vacinados. Abaixo, segue um exemplo de alguns dos dados publicados no portal do G1 em 27 de fevereiro de 2020<sup>25</sup>:

---

<sup>24</sup> <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/08/veiculos-de-comunicacao-formam-parceria-para-dar-transparencia-a-dados-de-covid-19.ghtml>

<sup>25</sup> <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2021/02/27/brasil-ultrapassa-254-mil-mortes-por-covid-19.ghtml>

## Brasil, 27 de fevereiro

- **Total de mortes:** 254.263
- **Registro de mortes em 24 horas:** 1.275
- **Média de novas mortes nos últimos 7 dias:** 1.180 (variação em 14 dias: +7%)
- **Total de casos confirmados:** 10.508.634
- **Registro de casos confirmados em 24 horas:** 50.840
- **Média de novos casos nos últimos 7 dias:** 52.910 por dia (variação em 14 dias: +19%)

## Estados

- **Subindo (11 estados mais o Distrito Federal):** BA, PB, RS, AC, MA, PA, CE, SC, RN, PR, DF, PI
- **Em estabilidade (11 estados):** AL, GO, MG, MS, SP, MT, SE, TO, ES, RJ, RO
- **Em queda (3 estados):** PE, AP, AM
- **Não divulgou:** RR

Essa comparação leva em conta a média de mortes nos últimos 7 dias

(Figura 1. Dados nacionais e estaduais sobre a pandemia, compilados pelo Consórcio de Veículos de Imprensa e publicados em 27 de fevereiro de 2021. Fonte: G1)

#### **4 ANÁLISE DAS NOTÍCIAS: TEMAS MAIS FREQUENTES, FONTES E USO DE LINK EXTERNO.**

Esta pesquisa consistirá de uma análise sobre a cobertura da pandemia pelo veículo a Folha de S. Paulo. Ela será dividida em três partes. Primeiramente, faremos uma categorização e contabilização dos temas abordados nas notícias veiculadas. Depois, serão analisados os tipos de fontes mais recorrentes. Finalmente, pesquisaremos se e como links externos são utilizados para sustentar as informações apresentadas no texto da notícia. Durante as análises, exploraremos também aspectos qualitativos de elementos presentes nas notícias, trazendo referências e exemplos sempre que possível.

##### **4.1 – METODOLOGIA E A SELEÇÃO DAS NOTÍCIAS**

Embora possa parecer, em um primeiro momento, que este trabalho seja uma pesquisa exploratória, acredito que essencialmente ele se trate de uma pesquisa descritiva. De acordo com as definições propostas por Gil (2008), “As pesquisas deste tipo (descritivas) têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis.” Nesse sentido, esta pesquisa estará analisando objetivamente dados estatísticos sobre os jornais. Para isso, descreverá fatos como: x por cento divulga a fonte, y por cento não; uma fração x das fontes é deste tipo, etc. Também serão analisados aspectos qualitativos das notícias, com reflexões teóricas sobre transparência, informação qualificada e credibilidade.

Embora este trabalho esteja “explorando” a utilização de fontes nestes jornais, está acima de tudo e essencialmente descrevendo um objeto de forma objetiva, o que parece enquadrá-lo dentro de um espectro mais descritivo.

Com relação ao método, este trabalho é quanti-quali, já que seu eixo central consiste em contagens e análises de porcentagens com o intuito de concluir sobre o uso de fontes e de hiperlink nas matérias dos dois jornais (parte quantitativa); mas a pesquisa também abarcará a classificação de fontes dos jornais, e análises sobre o conteúdo das notícias, o que traz um viés qualitativo para o trabalho. O viés quantitativo, porém, deverá prevalecer. Prodanov e Freitas (2013) dizem que a pesquisa quantitativa é “grande/ampla”, que nela não há “trabalho de campo” e sim um trabalho estatístico, e que nela o “empirismo e a lógica” se sobrepõem à “interação

simbólica”. Outro ponto analisado de acordo com as classificações destes últimos dois autores, é que nesta monografia não há prevalência de “entrevista ou observação”, mas sim de instrumentos manipulados. Os autores conceituam bem o objeto de uma pesquisa quantitativa:

Considera-se tudo que pode ser quantificável. O que significa traduzir em números, opiniões e informações para classificá-las e analisá-las. Requer o uso de recursos e de técnicas estatísticas (percentagem, média, moda, mediana, desvio padrão, coeficiente de correlação, análise de regressão etc) (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 69).

Com relação aos procedimentos e à técnica, este trabalho será realizado, sobretudo, por meio de pesquisa documental e análise de conteúdo. De acordo com Gil, “a pesquisa documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Conforme a categorização do mesmo autor, minha análise se dará em cima de “documentos de primeira-mão”, ou seja, de documentos que ainda não receberam um tratamento - em outras palavras, estou trabalhando em cima dos documentos originais (as próprias reportagens), ao invés de analisar relatórios ou tabelas estatísticas sobre os documentos. Gil coloca que a análise de conteúdo é "uma técnica de investigação que, através de uma descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto das comunicações, tem por finalidade a interpretação destas mesmas comunicações".

Optamos pela escolha da Folha de S. Paulo como objeto de pesquisa porque trata-se de um veículo de referência no âmbito do jornalismo brasileiro, existindo desde 1921. De acordo com o Instituto Verificador de Comunicação (IVC)<sup>26</sup>, em junho de 2020, o veículo era o jornal de maior circulação no país.

Para compor o corpo de notícias a serem analisadas, estabelecemos três critérios. O primeiro critério de seleção é que optamos por analisar somente notícias da plataforma online da Folha de S. Paulo, deixando de fora os materiais impressos. O motivo para esta escolha é que um dos objetivos centrais deste estudo é analisar a utilização de links nas notícias – prática a qual é inviabilizada no impresso. Outra justificativa para esse recorte é o fato de que o ciberjornalismo já é amplamente mais visualizado do que o impresso.

---

<sup>26</sup> Fonte: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2020/06/maior-jornal-do-brasil-folha-consolidacao-crescimento-digital.shtml>

O segundo critério de inclusão de notícias é que somente entrarão na pesquisa notícias cujas manchetes digam respeito a vacinas para a Covid-19, tratamentos e prevenção, características do Coronavírus ou da Covid-19 e aspectos epidemiológicos da pandemia, desconsiderando-se as notícias sobre aspectos políticos ou econômicos da pandemia.

Por fim, o terceiro critério é o recorte temporal: analisamos somente as notícias publicadas durante os meses de setembro e outubro de 2020. O motivo para a escolha destes meses é que, à época, ainda não havia clareza com relação às possibilidades de vacinação; a população brasileira, por exemplo, ainda não havia nem começado a ser vacinada. Da mesma forma, se sabia muito menos sobre o vírus do que hoje. Desse modo, a análise sobre a transparência se torna ainda mais relevante, já que o desconhecimento enseja um terreno onde há maiores possibilidades para o erro jornalístico. Seis meses depois, a cobertura da pandemia é possivelmente mais organizada, já que os jornalistas se familiarizaram com a cobertura e aprenderam a como encontrar informações e fontes confiáveis mais facilmente. Além disso, há cada vez menos matérias sobre estudos de vacinas propriamente ditos, já que as principais vacinas já ultrapassaram suas fases iniciais de pesquisa. Após a aplicação destes três critérios, chegamos a um total de 45 notícias, as quais estão apresentadas no anexo.

A busca e seleção das notícias foi realizada por acesso diário ao site da Folha de SP, durante os meses de setembro e outubro de 2020.

#### 4.2 – TEMAS DAS NOTÍCIAS

A primeira parte desta pesquisa é a contagem da distribuição das 45 notícias, de acordo com seu conteúdo. Percebemos que os conteúdos mais frequentes eram (não necessariamente nesta ordem):

- 1 – Vacinas para a Covid-19.
- 2 – Tratamentos / prevenção.
- 3 - Características do Coronavírus ou da Covid-19
- 4 – Aspectos epidemiológicos da pandemia.

Logo, decidimos contar e dividir as 45 notícias entre estas quatro categorias. O objetivo é visualizar um panorama dos temas específicos mais veiculados durante a cobertura da pandemia.

Antes de demonstrar os resultados, cabem algumas considerações sobre essas categorizações. Com relação ao item Vacinas para a Covid-19, faz parte da pesquisa qualquer notícia que diga respeito à elaboração de uma vacina, a estudos sobre sua segurança, eficácia, modo de funcionamento, fase de desenvolvimento etc. É importante ressaltar que optamos por deixar de fora da pesquisa notícias que possuam, de modo inequívoco, um conteúdo essencialmente não científico, ainda que sua manchete fale sobre a vacina. Um exemplo disso são as negociações do governo brasileiro com as empresas fabricantes de vacinas; este conteúdo, por não ser científico em sua essência, fugiria ao foco deste estudo, que é demonstrar a transparência no uso de fontes no âmbito do jornalismo científico. Portanto, fica fora dos critérios de seleção. Outro exemplo que optamos por não incluir na pesquisa é a seguinte notícia<sup>27</sup> (figura 2) publicada pela Folha de SP em outubro:

CORONAVÍRUS

# Sinovac recebe 'grande atenção'; país racha por vacinas

Global Times avisa que dose vai custar mais que US\$ 2;  
Washington Post vê 'crescente ceticismo' com vacinação

(Figura 2. Folha de SP, Outubro de 2020)

Embora diga respeito a vacinas, o desenrolar desta notícia adentra aspectos essencialmente políticos e econômicos. Em contraste, trazemos um exemplo de notícia<sup>28</sup> (figura 3) que cumpre o critério, a qual inclusive faz parte desta pesquisa:

<sup>27</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/nelsondesa/2020/10/sinovac-recebe-grande-atencao-pais-racha-por-cao-da-vacinas.shtml>

<sup>28</sup> Link da notícia: <https://www1.folha.uol.com.br/equlibrioesaude/2020/09/vacina-da-sinovac-e-segura-em-idosos-mas-produz-resposta-imune-mais-baixa.shtml> (acesso em 10 de setembro de 2020)

CORONAVÍRUS

# Vacina da Sinovac é segura em idosos, mas produz resposta imune mais baixa

Dados foram divulgados pela empresa após observar mais de 400 participantes imunizados com mais de 60 anos

(Figura 3. Folha de SP. Setembro de 2020)

No que diz respeito ao segundo tema (tratamentos / prevenção), entram quaisquer notícias que falam sobre possíveis tratamentos e métodos de prevenção para a Covid-19. São, sobretudo, notícias sobre remédios, sejam eles eficazes ou ineficazes – não interessa se a notícia defende ou critica o tratamento, desde que fale sobre tratamento. A única ressalva é que a vacina, embora seja um método de prevenção, não entra nesta categoria por já possuir uma classificação própria (no item 1), por ser a maior forma de prevenção e, portanto, figurar em um número maior de notícias.

O terceiro item (Características do Coronavírus ou da Covid-19) engloba qualquer notícia que diga respeito ao vírus em si (características biológicas do vírus), ou a suas complicações, riscos, sintomas e demais características da doença por ele causada. Entram aqui, por exemplo,

conteúdos divulgados sobre anticorpos, reinfecção, sintomas, sequelas, etc. Podemos trazer como exemplo a seguinte notícia<sup>29</sup> (figura 4):

CORONAVÍRUS

# Em idosos, confusão mental e mudanças comportamentais podem indicar Covid-19

Manifestações podem acontecer mesmo quando não há sintomas típicos da doença

(Figura 4. Folha de SP. Setembro de 2020)

Com relação ao último item, nele se enquadram notícias que falem sobre aspectos epidemiológicos da pandemia; ou seja, sobre a pandemia em seu conceito mais genérico. Por exemplo, dados mundiais sobre taxas de contágio, projeções, imunidade da população e recomendações gerais de organizações para saúde pública vindas de organizações e instituições relacionadas à ciência. A título de exemplo, temos a seguinte notícia<sup>30</sup> (figura 5):

---

<sup>29</sup> Link da notícia: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/em-idosos-confusao-mental-e-mudancas-comportamentais-podem-indicar-covid-19.shtml> (Acesso em 10 de setembro de 2020)

<sup>30</sup> Link para a notícia: <https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/cerca-de-10-da-populacao-global-ja-contraiu-novo-coronavirus-diz-oms.shtml> (acesso em 5 de outubro de 2020)

# Cerca de 10% da população global já contraiu novo coronavírus, diz OMS

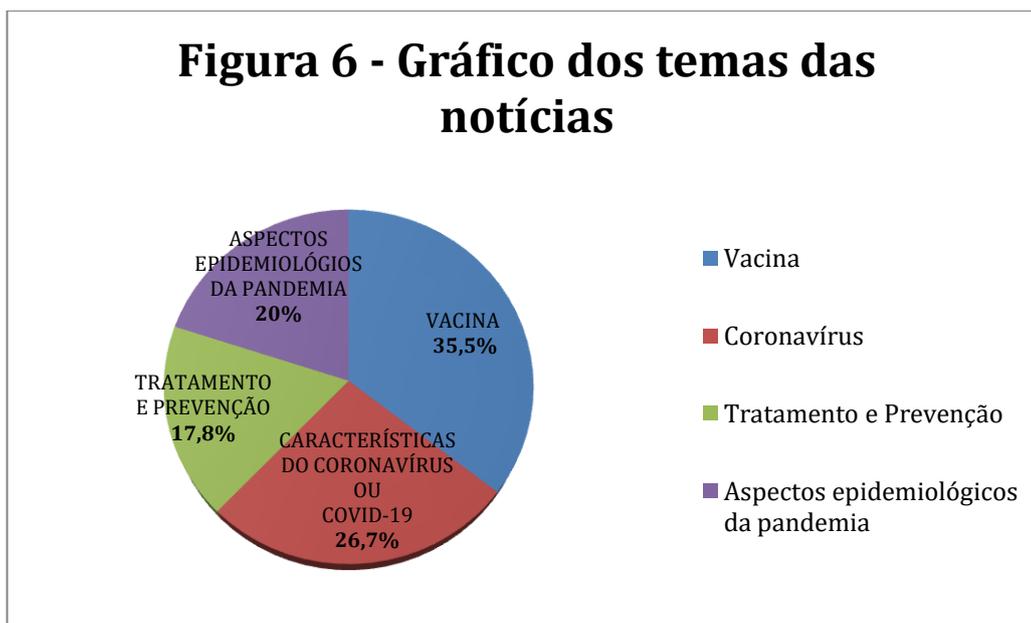
São 780 milhões de pessoas, mais de 20 vezes os casos registrados; entidade alerta que 90% da população ainda está em risco

(Figura 5. Folha de SP. Setembro de 2020)

Uma ressalva importante é que optamos por deixar de fora notícias cuja manchete diga respeito a número de casos e de mortos no Brasil. A razão é que essas notícias são essencialmente atualizações diárias e uniformes, no sentido de que suas fontes são sempre as mesmas: o consórcio de veículos de imprensa, o qual obtém estes dados com as Secretarias de Saúde estaduais. Dessa forma, a inclusão destas atualizações diluiria os resultados comparativos das demais notícias e pouco agregaria à pesquisa.

O tema mais frequente da cobertura da pandemia é a vacina, representando 35,5% das notícias (16 entre as 45 notícias selecionadas). Em seguida, figuram as notícias sobre características do Coronavírus ou da Covid-19, as quais representam 26,7% do total de notícias (12 entre as 45 notícias selecionadas). A seguir, temos as notícias sobre aspectos epidemiológicos da pandemia - dados mundiais sobre contração, taxas de contágio, projeções, taxas de contágio, dados sobre imunidade – representam 20% do total de notícias (9 entre as 45 notícias selecionadas). Por fim, temos as notícias sobre tratamento e prevenção, representando também 17,8% do total de notícias (8 entre as 45 notícias selecionadas).

**Figura 6 - Gráfico dos temas das notícias**



(Fonte: o autor)

É interessante perceber que notícias sobre vacina são as mais frequentes em setembro e outubro de 2020. Provavelmente, estas porcentagens seriam alteradas se a pesquisa tivesse sido realizada mais próxima do início da pandemia – ao redor de março e abril de 2020, onde a perspectiva de uma vacina no Brasil era bem menor.

As outras três categorias são relativamente bem distribuídas entre si, com uma leve preponderância de notícias sobre as características do Coronavírus ou a Covid-19. As notícias sobre tratamento e prevenção são encontradas com bem menor frequência do que as sobre aspectos relacionados a vacinas, provavelmente pelo fato de que não há, durante o período da pesquisa, tratamentos cuja eficácia fosse comprovada cientificamente. De um modo geral, essas quatro categorias resumem bem o que figura na maior parte dos noticiários do jornalismo brasileiro durante a pandemia, a qual tomou conta das manchetes em quase todos os veículos.

Algo que também cabe destacar é que, com a leitura das notícias, fica claro que a Folha de SP possui três tematizações frequentes:

- 1 – Defesa da vacinação
- 2 - Defesa do isolamento social
- 3 – Críticas em relação ao uso de Hidroxicloroquina como tratamento para a Covid-19.

Em diversas notícias, a Folha de SP ressalta os benefícios da vacinação e reproduz recomendações de fontes especialistas no sentido de que a vacinação é essencial. Da mesma

forma, a defesa do isolamento social como medida de contenção do Coronavírus aparece com frequência nas notícias selecionadas. Podemos usar como exemplo esta notícia (figura 7):

# Gráficos usados em tuíte não comprovam que Brasil está próximo de alcançar imunidade de rebanho

Estratégia da imunidade coletiva sem vacina não é apoiada pela comunidade científica, tampouco tem eficiência comprovada

(Figura 7. Folha de SP. Outubro de 2020)

Segue um trecho da notícia:

(...) A transmissão do vírus pode ser mitigada por meio do distanciamento físico, uso de máscaras, higiene das mãos, etiqueta respiratória e evitando aglomerações e espaços mal ventilados. Testes rápidos, rastreamento de contatos e isolamento também são essenciais para controlar a transmissão. A Organização Mundial de Saúde tem defendido estas medidas desde o início da pandemia. (A Folha de SP, 27 de outubro de 2020)

Em várias ocasiões, a Folha de SP criticou o uso da Hidrocloroquina como tratamento para a Covid-19. Segue o exemplo desta notícia de setembro de 2020 (figura 8):

# Pioneiro no uso de cloroquina contra Covid-19 é denunciado na França por promover o remédio

Infectologista Didier Raoult é acusado de infringir recomendações das autoridades de saúde

(...)

Até agora, não há comprovação científica de que a cloroquina seja eficiente no combate ao coronavírus. Ainda assim, alguns países e líderes mundiais, entre eles o presidente Jair Bolsonaro (sem partido), promovem abertamente o uso do medicamento.

Segundo o jornal Le Figaro, a entidade critica o médico por [promover a hidroxicloroquina](#) "sem que a ciência tenha estabelecido claramente nenhum dado preciso a respeito, o que supõe uma infração das recomendações das autoridades de saúde".

(Figura 8 – Folha de SP. Outubro de 2020)

Também é pertinente ressaltar que outra coisa que percebemos. Há algumas publicações da Folha de S. Paulo que se inserem mais no âmbito de análise e de opinião do que de notícias propriamente ditas. Geralmente são opiniões de especialistas, sem referências a estudos ou descobertas específicas. No entanto, elas são veiculadas sob a mesma retranca (cartola): “Covid-19” o qual contém na grande maioria notícias de fato. O próprio formato é noticioso – formato de manchete. Por exemplo, trazemos a seguinte publicação<sup>31</sup>(figura 9):

---

<sup>31</sup> <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2020/09/covid-19-veio-para-ficar-e-precisamos-nos-preparar-para-conviver-com-o-virus.shtml>

# Covid-19 veio para ficar, e precisamos nos preparar para conviver com o vírus

Infetologista reflete sobre o que nos espera após a onda pandêmica do novo coronavírus

(Figura 9. Folha de SP. Setembro de 2020)

Embora haja uma sinalização no topo do texto, a qual diz “opinião”, acreditamos que ela não seja destacada suficientemente. Por uma questão de transparência, uma maior distinção entre conteúdos opinativos deveria ser realizada de uma forma mais clara.

Deixamos de fora da análise estes conteúdos e acreditamos que a frequência destas publicações, em conjunto com as notícias, contraria o seguinte princípio<sup>32</sup> declarado pelo próprio veículo:

10. Estabelecer distinção visível entre material noticioso, mesmo que permeado de interpretação analítica, e opinativo.

(Um dos princípios jornalísticos declarados pela Folha de S. Paulo.)

---

<sup>32</sup> <http://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/principios-editoriais.shtml>

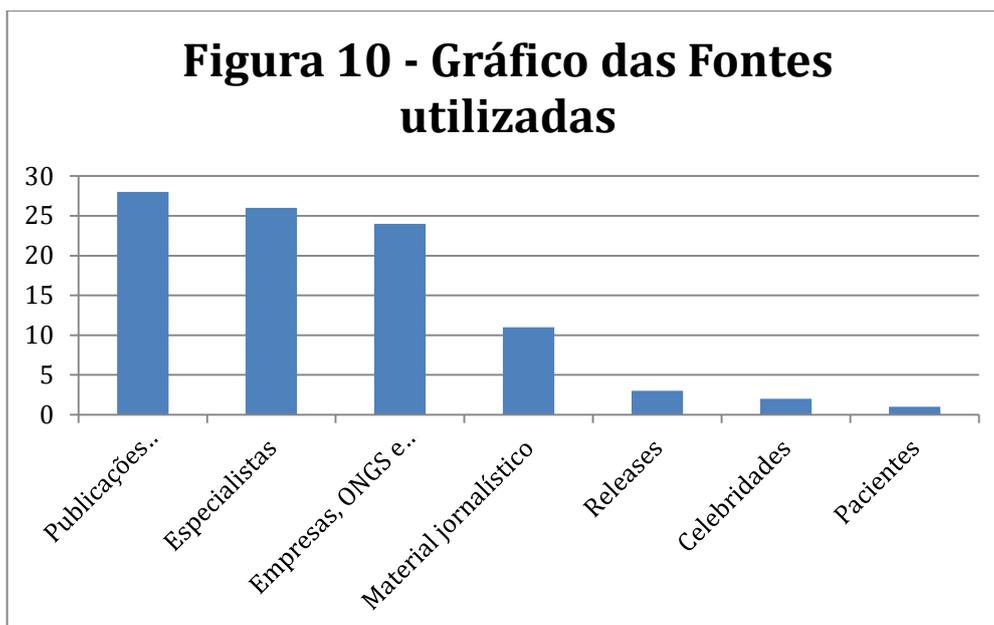
### 4.3 – FONTES MAIS UTILIZADAS

Encontramos um total de 95 fontes utilizadas nas 45 notícias. Nesta parte da pesquisa, analisamos todas estas fontes e as classificamos de acordo com a categorização proposta por Roxana Tabakman (2013):

- 1- Especialistas
- 2- Publicações científicas e validadas.
- 3- Releases
- 4- Empresas, ONGS e outros grupos de interesse.
- 5- Congressos ou reuniões científicas.
- 6- Material jornalístico (atual ou de arquivo)
- 7- Pacientes e seus familiares, usuários, consumidores
- 8- Celebidades
- 9- Internet

Da mesma forma, contamos quantas fontes se encaixam em cada uma das categorias e calcularemos a porcentagem que o total de fontes em cada categoria representa em relação ao número total de fontes.

Com relação às fontes, as mais utilizadas foram publicações científicas e validadas, totalizando 29,5% das fontes (28 das 95 fontes utilizadas). Na segunda posição, seguem os especialistas, representando 27% das fontes (26 das 95 fontes utilizadas). Na terceira posição, encontram-se as empresas, ONGS e outros grupos de interesse, as quais representam 25% das fontes (24 das 95 fontes utilizadas). Depois, situam-se as fontes de material jornalístico, totalizando 12% das fontes (11 das 95 fontes utilizadas); releases (3%), celebridades (2%) e apenas uma fonte de paciente (aproximadamente 1% do total de fontes). Não enquadrámos nenhuma fonte como sendo de “Internet” e também nenhuma fonte como “Congressos”.



*Fonte: o autor*

Cabe ressaltar que sempre que algum especialista diretamente envolvido em um estudo comentou ou prestou informações sobre o próprio estudo, nós o incluímos na categoria Publicações Científicas e validadas – e não na categoria especialistas. Isso porque ao prestar informações sobre o estudo, ele nada mais está fazendo do que apresentando as conclusões do estudo em si, portanto a fonte da informação é o estudo. Aliás, a maioria das matérias que apresentavam estudos científicos traziam informações sobre o estudo por meio de citações de algum especialista envolvido nas pesquisas. Desta forma, por exemplo, se um estudo é apresentado em uma notícia, e na mesma notícia é citado um médico que participou diretamente do estudo, comentando algo sobre o estudo, contabilizamos ambos como uma fonte: o estudo.

É interessante destacar que todas as fontes enquadradas como material jornalístico eram publicações do Projeto Comprova<sup>33</sup>. Inicialmente tivemos dúvidas com relação ao enquadramento mais adequado para este projeto. Porém, ao ler a própria descrição do projeto (figura 11) e o próprio logo do site, fica claro que de fato “material jornalístico” é a melhor categorização do projeto:



jornalismo colaborativo contra a desinformação

<sup>33</sup> <https://projeto comprova.com.br/>

**O Projeto Comprova reúne jornalistas de 28 diferentes veículos de comunicação brasileiros para descobrir e investigar informações enganosas, inventadas e deliberadamente falsas sobre políticas públicas e a pandemia de covid-19 compartilhadas nas redes sociais ou por aplicativos de mensagens. O Comprova é uma iniciativa sem fins lucrativos**

(Figura 11. Comprova. Outubro de 2020.)

Acreditamos que a Folha de S. Paulo utilize predominantemente fontes confiáveis. Isso porque elas consistem, em sua maior parte, de profissionais e instituições diretamente inseridas no campo da ciência - possuindo, portanto, maior propriedade para fazer afirmações sobre os tópicos relacionados à pandemia.

#### 4.4 – UTILIZAÇÃO DE LINKS EXTERNOS

Esta última parte da pesquisa será uma análise sobre o uso de links nas notícias veiculadas. Esta análise será dividida em duas partes distintas. A primeira parte é a contagem do total de notícias que apresentam (e que não apresentam) um link externo para a informação principal da notícia – que nada mais é do que a informação contida na manchete. Para ilustrar, tomemos como exemplo a seguinte notícia (figura 12):

## **Vacina contra Covid-19 precisará ter eficiência de 50%, diz OMS**

(Figura 12. Folha de SP. Setembro de 2020)

Essa notícia pode conter outras informações que não estejam contidas na manchete; no entanto, a informação principal desta notícia (informação contida na manchete) é que a OMS afirmou que a vacina contra a Covid-19 precisará ter eficiência de 50%. No caso específico desta notícia, a qual faz parte desta pesquisa, de fato não há nenhum link externo que sustente essa

informação. Portanto, ela trata-se de um exemplo de notícia que não oferece link externo para a informação principal.

No entanto, essa análise nos pareceu insuficiente, já que ao analisar as notícias, nos demos conta de que frequentemente havia outras informações relacionadas ao tema da notícia ou aos critérios de seleção, mas que não estavam contidas na manchete – podemos considerá-las como informações acessórias. Tais informações podem ser afirmações tão categóricas quanto a informação principal, o que gera também a necessidade de transparência por parte do jornalista. Desta forma, a segunda parte da análise sobre o uso de links diz respeito a justamente estas informações: contaremos o total de informações contidas nas notícias - mas que não figuram na manchete - e verificaremos quantas delas apresentam (e não apresentam) link externo para sua sustentação.

Segue um exemplo de informação acessória (figura 13), que faz parte da mesma notícia citada na figura 11:

Segundo relatório da última sexta (28), há no momento 33 vacinas em fase de experimentos clínicos, das quais 10 estão na etapa mais adiantada, chamada fase 3.

(Figura 13. Exemplo de informação acessória com fornecimento de link externo. A Folha de SP. Setembro de 2020)

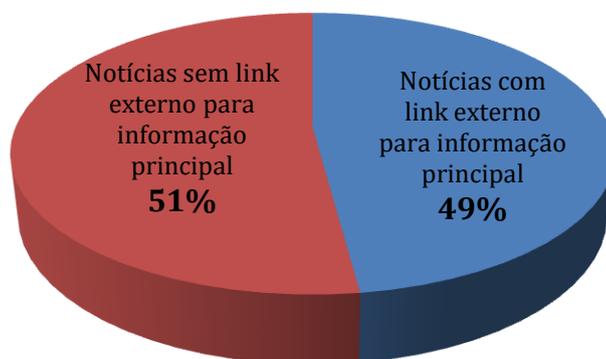
Percebe-se que nesta notícia, há uma informação acessória que fornece um link externo. A mesma notícia, entretanto, não fornece link externo para informação principal (contida na manchete).

Das 45 notícias analisadas, 23 (49%) apresentavam link externo para sustentação da informação principal (informação contida na manchete). Logo, 25 notícias, das 45 (51%) notícias analisadas, não apresentavam nenhum link externo para a informação principal (informação contida na manchete). Nas notícias, podem ser encontrados inúmeros links internos – links que direcionam a outra notícia da própria Folha de SP. No entanto, a grande maioria destes links direciona a outra notícia que também não contém um link externo, ou a outra notícia que não é diretamente relacionada à notícia original. Na verdade, apenas dois links internos direcionavam a uma página que continha um link externo; para simplificação, contamos estes dois casos como sendo notícias que sim oferecem link externo. Desta forma, acreditamos que o uso destes links internos pouco agrega a um maior aprofundamento das notícias. Pelo contrário, a enorme

quantidade destes links internos pode vir a confundir o leitor - pois, como dito, geralmente não direcionam a notícias diretamente relacionadas.

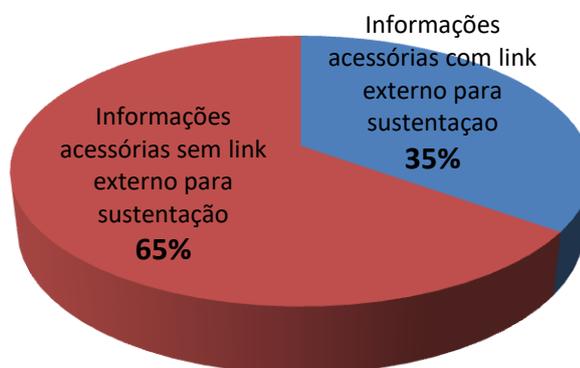
Encontramos um total de 20 informações acessórias – relacionadas aos critérios de seleção, mas que não estão contidas na manchete –, das quais em apenas 7 havia o fornecimento de link externo para sua sustentação. Ou seja, um total de 35% das informações acessórias era sustentada por link externo, ao passo que em 65% delas não havia o fornecimento de nenhum link externo.

**Figura 14 - Gráfico do uso de link externo para informação principal**



*Fonte: o autor*

**Figura 15 - Gráfico do uso de link externo para informações acessórias**



*Fonte: o autor*

Diante dos resultados, fica claro que o uso de link externo para informações acessórias é consideravelmente menos frequente (35%) do que uso de link externo para informações principais (49%).

Diante destes dados, acreditamos que a Folha de S. Paulo, embora apresente links confiáveis para sustentação de boa parte de suas informações, deve aumentar ainda mais esta prática, para que, ao menos, a maior parte de suas fontes de informação seja apresentada. Isso porque, conforme analisamos no capítulo de credibilidade e transparência no jornalismo, o uso de hiperlink é essencial para a concretização de um jornalismo transparente – além de propiciar aos leitores a possibilidade de que eles busquem por si próprios maiores informações sobre os conteúdos veiculados nas notícias.

## 5 CONCLUSÃO

Este trabalho buscou analisar a cobertura jornalística da pandemia da Covid-19, a partir de notícias veiculadas na Folha de S. Paulo. O **problema de pesquisa** foi: “como a Folha de S. Paulo se vale de links para apresentar suas fontes de informação em notícias sobre a covid- 19? O **objetivo geral** foi: durante o período de um mês, analisar como as fontes de informação são utilizadas e apresentadas por este veículo na cobertura da Covid-19.

Os **objetivos específicos** foram: a) Classificar e contabilizar as fontes quanto a seu tipo; b) Contabilizar o emprego de links externos para sustentação das informações apresentadas nas notícias c) Identificar os temas mais frequentes nas notícias da editoria Covid-19.

Para atingir tais objetivos, no segundo capítulo, exploramos o jornalismo dentro do contexto das novas tecnologias digitais e de suas conseqüentes mudanças sociais com relação a como a informação é compartilhada e entendida. Fizemos uma análise da importância de métodos de transparência dentro do jornalismo para, inclusive, sua autoafirmação como uma voz que possui credibilidade. No terceiro capítulo, abordamos o conceito de jornalismo científico, comparando os significados dos termos difusão científica, disseminação científica, divulgação científica e jornalismo científico. Também fizemos uma explicação sobre o termo jornalismo científico, explicando que uma de suas formas possíveis é o jornalismo da saúde. Concluímos que a cobertura da pandemia apresenta elementos de Jornalismo Guiado por Dados, materializados sobretudo no tratamento de dados contidos em diversos bancos de dados. No terceiro capítulo, também apresentamos algumas propostas de classificações de fontes relacionadas ao jornalismo científico. Abordamos a questão da desinformação durante a pandemia e o fenômeno do negacionismo. No quarto capítulo analisamos a cobertura da Folha de SP da pandemia durante os meses de setembro e outubro de 2020. Nesta análise, classificamos e contabilizamos as fontes mais utilizadas; contabilizamos o uso de hiperlink nas notícias; e classificamos e contabilizamos os tipos de notícias mais recorrentes dentro da cobertura da pandemia.

A partir dos dados resultantes da análise, inferimos que a Folha de SP faça uma cobertura transparente da pandemia, embora haja espaço para um maior uso de links externos, já que metade das notícias não apresentava link externo para confirmação das informações contidas na manchete. Também concluímos que há uma quantidade muito grande de links internos, os quais na maioria das ocasiões não contribuem para um melhor entendimento efetivo da notícia e, por

não levarem a notícias diretamente relacionadas, podem acabar confundindo o leitor. Nas ocasiões em que esses links internos levavam a uma informação diretamente relacionada, tampouco havia algum link externo para sustentação da informação contida na notícia original – com exceção de 2 casos encontrados. Embora links internos possam ser extremamente úteis, acreditamos que nas notícias analisadas eles poderiam ter sido utilizados com maior parcimônia.

As fontes utilizadas pela Folha de SP estão em sintonia com os critérios de credibilidade e com as indicações de fontes recomendadas no terceiro capítulo, geralmente consistindo de estudos realizados por instituições renomadas. Médicos infectologistas também são fontes recorrentes das notícias veiculadas pela Folha de SP na cobertura da pandemia. Cabe ressaltar que acreditamos que falte transparência por parte do Consórcio de Veículos de Imprensa, já que maiores informações sobre seus métodos de apuração de dados não são apresentadas, tampouco há uma página própria do veículo, com esclarecimentos sobre suas escolhas e técnicas de pesquisa.

Nossa pesquisa poderia certamente ter continuidade. Por exemplo, um maior número de notícias poderia ser analisado. Nesse sentido, é importante ressaltar que 45 notícias é uma quantidade limitada – no caso, restringida pelo período da pesquisa (somente setembro e outubro de 2020). Dessa forma, uma análise que cobrisse um período mais longo permitiria fazer mais inferências sobre a cobertura da pandemia. Outro aprofundamento que poderia ser realizado seria uma análise mais minuciosa de possíveis subclassificações dos tipos de fontes apresentadas – nesse caso, por exemplo, poderiam ser pesquisados quais subgrupos dentro das Empresas, ONGS e grupos de interesse são mais utilizados como fonte. Poderiam também ser analisados com maior detalhamento aspectos dos estudos apresentados, tais como relevância, número de citações etc. Outra sugestão para futuras continuações dessa pesquisa seria a inclusão de entrevistas com jornalistas da Folha de SP, para trazer um olhar de dentro do veículo, bem como possíveis explicações de suas dificuldades e justificativas de suas opções. Outro caminho interessante para o desenvolvimento de pesquisas nesta área seria um maior aprofundamento das “novas vozes” que estão mais relacionadas ao jornalismo; desde canais de Youtube que veiculam notícias e fazem análises sobre o que acontece no mundo, até podcasts e sites de notícias de veículos alternativos. Nessa linha, caberiam paralelos entre seus métodos de transparência e o dos veículos de imprensa tradicionais.

Minha motivação para realizar este trabalho passou por perguntas filosóficas como: quem disse isso e por quê? Quem pode relatar de forma confiável o que acontece no mundo? Por que as pessoas acreditam, ou não acreditam, no jornalismo?

Como o jornalismo irá manter-se relevante parece ser uma questão que passa por uma teia de mudanças sociais que vêm ocorrendo e que sem dúvidas continuarão acontecendo. Talvez pouco mude com relação à credibilidade do jornalismo nos próximos vinte, trinta, cinquenta anos? Pode ser. No entanto, isso parece ser no mínimo uma questão relevante a ser debatida.

## 6 REFERÊNCIAS

ANDERSON, Christopher W; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. **Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos.** Revista de Jornalismo ESPM, n.5, abr/jun. 2013.

Attwell, Katie, and David T. Smith. **“Parenting as Politics: Social Identity Theory and Vaccine Hesitant Communities.”** International Journal of Health Governance 22 (3): 183–98. doi:10.1108/IJHG-03-2017-0008. 2017.

BARBOSA, Mariana. **Pós-verdade e Fake news - Reflexões sobre a guerra de narrativas.** Editora Cobogó, p. 8. 2019.

BERTOLLI FILHO, Cláudio. **Elementos fundamentais para a prática do jornalismo científico.** Disponível em: In: Biblioteca on-line de ciências da comunicação, 2006. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/~boccmirror/pag/bertolli-claudio-elementos-fundamentais-jornalismo-cientifico.pdf>. Acesso em 19 de fevereiro de 2021.

BRUNS, Axel. **Gatewatching.** Nova York: Peter Lang, 2005.

BRUNS, A. **Gatekeeping, Gatewatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o Jornalismo.** Brazilian Journalism Research. Vol. 7, N. 2. Brasília: SBPJor, 2011.

BUENO, W. da C. **Jornalismo Científico no Brasil: os compromissos de uma prática dependente.** Tese de Doutorado Eca/USP 365p. 1984.

BUENO, W. da C. 1985, **Ciência e Cultura** – pode ser acessado em: <https://biopibid.ccb.ufsc.br/files/2013/12/Jornalismo-cient%C3%ADfico-conceito-e-fun%C3%A7%C3%A3o.pdf>. Acesso em 3 fevereiro de 2021.

CANAVILHAS, João. **Hipertextualidade: Novas arquiteturas noticiosas.** In: CANAVILHAS, João (Org.). Webjornalismo: 7 características que marcam a diferença. Covilhã: Livros Labcom, 2014. p. 3-24.

COLOMBO, Macri; LEVY, Denise. **JORNALISMO CIENTÍFICO: DIVULGAÇÃO OU DISSEMINAÇÃO, E SUA RELAÇÃO COM OS CIENTISTAS.** Oitavo Interprogramas de Mestrado – Casper Libero, 2012.

GEHRKE, Marília. **Transparência no método como valor para o jornalismo.** In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO, 16., 2018, São Paulo. Anais.... São Paulo: SBPJOR, 2018b.

\_\_\_\_\_. **O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados.** Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação), UFRGS, Porto Alegre, 2018a.

\_\_\_\_\_. **As fontes acionadas no Jornalismo Guiado por Dados durante a cobertura da Covid-19.** SEMINÁRIO DE PESQUISA EM JORNALISMO INVESTIGATIVO, VII, São Paulo, 2020.

\_\_\_\_\_. **O resgate da objetividade como método aplicado ao jornalismo guiado por dados.** In: 15o ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM JORNALISMO. Anais... São Paulo: Universidade de São Paulo, 2017.

GIDDENS, Anthony **As conseqüências da modernidade**; tradução de Raul Fiker. - São Paulo: Editora UNESP, p. 35, 1991.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social.** 4. ed. São Paulo: Atlas, p. 28, 2008

HOPF; KRIEF; MEHTA; MATLIN; **Fake science and the knowledge crisis: ignorance can be fatal.** 2019, p.1 The Royal Society Publishing  
<https://royalsocietypublishing.org/doi/10.1098/rsos.190161>. 2019, p.1. Acesso em 9 de dezembro de 2020

JACOBUS, Doraci Masiero, **O jornalismo e a ciência na revista Ciência Hoje das Crianças (1986 - 2016), 2018.** Dissertação (Mestrado) - UFRGS, Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação. Porto Alegre, 2018

KAHAN, Dan M., **Vaccine Risk Perceptions and Ad Hoc Risk Communication: An Empirical Assessment.** CCP Risk Perception Studies Report No. 17, Yale Law & Economics Research Paper # 491. 2014.

KARLSSON, Michael. **Rituals of transparency: Evaluating online news outlets' uses of transparency rituals in the United States, United Kingdom and Sweden.** Journalism Studies, V. 11, N. 4. p. 535-545. Londres: Routledge - Taylor & Francis Group, 2010.

KARLSSON, Michael; CLERWALL, (2018) **Transparency to the Rescue?**, Journalism Studies, 19:13, 1923-1933, DOI: 10.1080/1461670X.2018.1492882  
<https://doi.org/10.1080/1461670X.2018.1492882>. Acesso em 18 de novembro de 2020.

KOVACH, Bill; ROSENSTIEL, Tom. **Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir.** São Paulo: Geração Editorial, 2001.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo na era virtual – Ensaios sobre o colapso da razão ética.** Editora Fundação Perseu Abramo: Editora Unesp, São Paulo. 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. **O jornalismo como sistema perito**. *Tempo soc.*, São Paulo , v. 11, n. 1, p. 197-208, Maio 1999

MIELNICZUK, Luciana. **Sistematizando alguns conhecimentos sobre jornalismo na web**. In: COMPÓS, XII, 2003, Recife. Anais... . Recife: Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação, 2003a.

**O Guia de Cobertura Ética da Covid-19 do Observatório da Ética Jornalística (objETHOS)** (2020, p.6)

PENA, Felipe. **Teoria do Jornalismo**. São Paulo: Contexto, 2005.

PRIMO, Alex ; TRÄSEL, Marcelo Ruschel . **Webjornalismo participativo e a produção aberta de notícias**. *Contracampo (UFF)*, v. 14, p. 37-56, 2006

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, p. 71, p.69, 2013.

TABAKMAN, Roxana. **A saúde na mídia** – medicina para jornalistas; jornalismo para médicos. Summus, 2013.

WOLTON, Dominique. **Informar não é comunicar**; tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre. Sulina, p.15, 2010



## ANEXO

### LINKS PARA AS 45 NOTÍCIAS

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/estudo-chines-amplo-aponta-seguranca-da-vacina-contracovid-19-de-sp.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/anticorpos-contCOVID-ra-covid-19-continuam-em-alta-5-meses-apos-infeccao-diz-novo-estudo.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/ataque-autoimune-e-responsavel-por-10-dos-casos-graves-da-covid-19-diz-estudo.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/internacional/en/scienceandhealth/2020/10/brazil-has-95-suspected-coronavirus-reinfection.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/cerca-de-10-da-populacao-global-ja-contrauiu-novo-coronavirus-diz-oms.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/reino-unido-registra-caso-de-perda-de-audicao-irreversivel-causada-por-coronavirus.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/covid-19-coronavirus-pode-sobreviver-por-28-dias-em-celular-e-dinheiro-diz-estudo.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/droga-annita-nao-reduz-sintomas-de-covid-19-mostra-estudo-do-governo.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/graficos-usados-em-tuite-nao-comprovam-que-brasil-esta-proximo-de-alcancar-imunidade-de-rebanho.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/turismo/2020/10/saiba-qual-e-o-risco-de-contrair-covid-19-em-uma-viagem-de-aviao.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/jovens-saudaveis-devem-ser-vacinados-contracovid-19-so-em-2022-diz-oms.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/mais-de-6000-cientistas-defendem-que-jovens-retomem-vida-normal.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/novos-artigos-sobre-hidroxicloroquina-e-covid-19-levantam-debate-estatistico.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/10/trabalho-informal-eleva-risco-de-contagio-e-morte-por-covid-19.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/post-forca-comparacao-entre-vacinas-em-teste-e-a-cloroquina-que-nao-tem-eficiencia-comprovada.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/estados-unidos-tem-o-primeiro-caso-confirmado-de-reinfeccao-de-covid-19.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/10/pesquisa-que-testa-remedios-para-reduzir-sequelas-da-covid-19-tem-resultados-promissores.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/russia-aprova-segunda-vacina-contracovid-19-apos-testes-preliminares.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/vacina-contracovid-19-que-nao-usa-virus-em-composicao-deve-ser-testada-no-brasil.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/post-confunde-ao-comparar-letalidade-da-covid-19-com-outras-doencas.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/covid-19-deixa-sequelas-nos-pulmoes-e-coracao-que-podem-melhorar-com-o-tempo-diz-estudo.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/sintomas-de-covid-19-persistem-por-meses-e-alertam-para-possiveis-sequelas-da-doenca.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/russia-diz-que-sputnik-v-e-segura-e-escancara-geopolitica-da-vacina.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/vacina-da-sinovac-contr-a-covid-19-e-aprovada-para-uso-emergencial-na-china.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/seguindo-padrao-atual-de-imunizacao-vacina-para-covid-19-pode-nao-funcionar-no-brasil.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/vacina-da-sinovac-e-segura-em-idosos-mas-produz-resposta-imune-mais-baixa.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/em-idosos-confusao-mental-e-mudancas-comportamentais-podem-indicar-covid-19.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/medico-tira-de-contexto-dados-de-estudo-para-sugerir-que-mascaras-sao-ineficientes.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/vacina-da-oxford-pode-ser-concluida-ate-o-final-do-ano-afirma-presidente-da-astrazeneca.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/vacina-russa-produz-imunidade-contrano-novo-coronavirus-mostram-primeiros-dados-publicados.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/visor-transparente-e-mascara-com-valvula-nao-impedem-contagio-de-coronavirus.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/bolsonaro-desinforma-e-se-contradiz-ao-pedir-evidencia-cientifica-de-vacina-chinesa.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/brasil-tem-menor-taxa-de-contagio-de-coronavirus-desde-final-de-abril.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/vacina-contracovid-19-precisara-ter-eficiencia-de-50-diz-oms.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/so-havera-vacinacao-em-massa-com-vacina-eficaz-e-segura-diz-oms.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/e-falso-que-testes-sao-manipulados-e-pandemia-nao-existe.shtml>

---

<https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2020/09/curva-de-obitos-nao-indica-segunda-onda-na-maioria-dos-paises.shtml>

-

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/medico-pioneiro-no-uso-de-cloroquina-e-denunciado-na-franca-por-promover-o-remedio.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/tuite-engana-ao-sugerir-que-vacina-contra-a-covid-19-e-desnecessaria.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/09/nenhuma-vacina-existente-ou-em-teste-vai-baguncar-o-seu-genoma.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2020/10/suecia-retira-orientacao-de-isolamento-para-maiores-de-70-anos.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/agencia-de-regulacao-dos-eua-autoriza-antiviral-remdesivir-como-1o-tratamento-contracovid-19.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/cientistas-reconhecem-transmissao-de-coronavirus-pelo-ar-e-reforcam-necessidade-de-mascara.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/nao-e-verdade-que-vacina-contracovid-19-cause-cancer-danos-geneticos-ou-homossexualismo.shtml>

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/10/vacinas-em-teste-passaram-por-fase-pre-clinica-ao-contrario-do-que-diz-medico.shtml>

## NOTÍCIAS ANALISADAS

<b>TÍTULO</b>	<b>TEMA</b>	<b>DATA</b>
<b>Estudo aponta segurança da vacina, e Doria quer aplicação em dezembro</b>	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>23 de setembro de 2020</b>
Anticorpos contra Covid-19 continuam em alta 5 meses após infecção, diz novo estudo	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>28 de outubro de 2020</b>
Ataque autoimune é responsável por 10% dos casos graves da Covid-19, diz estudo	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>25 de setembro de 2020</b>
<b>Brasil tem 95 suspeitas de casos de reinfeção</b>	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>28 de outubro de 2020</b>
<b>Cerca de 10% da população mundial já contraiu o coronavírus, afirma OMS</b>	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA PANDEMIA</b>	<b>5 de outubro de 2020</b>

Reino Unido registra caso de perda de audição irreversível causada por coronavírus	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>13 de outubro de 2020</b>
Covid-19: coronavírus pode sobreviver por 28 dias em celular e dinheiro, diz estudo	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>11 de outubro de 2020</b>
Droga Annita não reduz sintomas de Covid-19, mostra estudo	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>23 de outubro de 2020</b>
Gráficos usados em tuíte não comprovam que Brasil está próximo de alcançar imunidade de rebanho	<b>PANDEMIA</b>	<b>27 de outubro de 2020</b>
Saiba qual é o risco de contrair Covid-19 em uma viagem de avião	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>14 de outubro de 2020</b>
Jovens saudáveis devem ser vacinados contra Covid-19 só em 2022, diz OMS	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA PANDEMIA</b>	<b>15 de outubro de 2020</b>
Mais de 6.000 cientistas defendem que jovens 'retomem vida normal'	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA PANDEMIA</b>	<b>7 de outubro de 2020</b>
Novos artigos sobre hidroxicloroquina e Covid-19 levantam 'debate estatístico'	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>17 de outubro de 2020</b>
Pesquisa mostra que trabalho informal eleva contágio e morte por Covid-19 no Brasil	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA PANDEMIA</b>	<b>12 de outubro de 2020</b>

Post força comparação entre vacinas em teste e a cloroquina, que não tem eficiência comprovada	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>25 de outubro de 2020</b>
Estados Unidos têm o primeiro caso confirmado de reinfeção de Covid-19	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>12 de outubro de 2020</b>
Pesquisa que testa remédios para reduzir sequelas da Covid-19 tem resultados promissores	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>18 de outubro de 2020</b>
Rússia aprova segunda vacina contra Covid-19 após testes preliminares	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>14 de outubro de 2020</b>
Vacina contra Covid-19 que não usa vírus em composição deve ser testada no Brasil	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>10 de setembro de 2020</b>
Post confunde ao comparar letalidade da Covid-19 com outras doenças	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>9 de setembro de 2020</b>
Covid-19 deixa sequelas nos pulmões e coração que podem melhorar com o tempo, diz estudo	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>11 de setembro de 2020</b>
Sintomas de Covid-19 persistem por meses e alertam para possíveis sequelas da doença	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>1 de setembro de 2020</b>
Rússia diz que Sputnik V é segura e escancara geopolítica da vacina	<b>VACINAS PARA A COVID-</b>	<b>9 de setembro de 2020</b>

	<b>19</b>	
Vacina da Sinovac contra a Covid-19 é aprovada para uso emergencial na China	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>4 de setembro de 2020</b>

Seguindo padrão atual de imunização, vacina para Covid-19 pode não funcionar no Brasil	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>8 de setembro de 2020</b>
Vacina da Sinovac é segura em idosos, mas produz resposta imune mais baixa	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>9 de setembro de 2020</b>
Em idosos, confusão mental e mudanças comportamentais podem indicar Covid-19	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>9 de setembro de 2020</b>
Médico tira de contexto dados de estudo para sugerir que máscaras são ineficientes	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>22 de outubro de 2020</b>
Vacina da Oxford pode ser concluída até o final do ano, afirma presidente da AstraZeneca	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>10 de setembro de 2020</b>
Vacina russa produz imunidade contra novo coronavírus, mostram primeiros dados publicados	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>4 de setembro de 2020</b>
Visor transparente e máscara com válvula não impedem contágio de coronavírus	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>1 de setembro de 2020</b>
Bolsonaro desinforma e se contradiz ao pedir evidência científica de vacina chinesa	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>21 de outubro de 2020</b>
Brasil tem menor taxa de contágio de coronavírus desde final de abril	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA</b>	<b>2 de setembro de 2020</b>

	<b>PANDEMIA</b>	
--	-----------------	--

Vacina contra Covid-19 precisará ter eficiência de 50%, diz OMS	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>1 de setembro de 2020</b>
Só haverá vacinação em massa com vacina eficaz e segura, diz OMS	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>4 de setembro de 2020</b>
É falso que testes são manipulados e pandemia não existe	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA PANDEMIA</b>	<b>7 de setembro de 2020</b>
Curva de óbitos não indica segunda onda na maioria dos países	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA PANDEMIA</b>	<b>6 de setembro de 2020</b>
Pioneiro no uso de cloroquina contra Covid-19 é denunciado na França por promover o remédio	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>4 de setembro de 2020</b>
Tuíte engana ao sugerir que vacina contra a Covid-19 é desnecessária	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>22 de setembro de 2020</b>
Nenhuma vacina, existente ou em teste, vai bagunçar o seu genoma	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>20 de setembro de 2020</b>
Suécia retira orientação de isolamento para maiores de 70 anos	<b>ASPECTOS EPIDEMIOLÓGICOS DA PANDEMIA</b>	<b>22 de outubro de 2020</b>

Agência de regulação dos EUA autoriza antiviral remdesivir como 1º tratamento contra Covid-19	<b>TRATAMENTOS / PREVENÇÃO</b>	<b>22 de outubro de 2020</b>
Cientistas reconhecem transmissão de coronavírus pelo ar e reforçam necessidade de máscara	<b>CARACTERÍSTICAS DO CORONAVÍRUS OU DA COVID-19</b>	<b>7 de setembro de 2020</b>
Não é verdade que vacina contra a Covid-19 cause câncer e danos genéticos ou torne alguém gay	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>29 de outubro de 2020</b>
Vacinas em teste passaram por fase pré-clínica, ao contrário do que diz médico	<b>VACINAS PARA A COVID-19</b>	<b>23 de outubro de 2020</b>

**FONTE: O AUTOR**

